

Jill
Mansell

Beijo

Tradução de Isabel C. Penteado

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros

*Para Cino e Lydia,
com todo o meu amor*

Capítulo 1

— Só quero saber se as tuas intenções para com a minha mãe são sérias — disse lentamente Katerina.

E apesar do facto de estar a nevar bastante, fez finca-pé à porta, recusando-se a deixar Ralph entrar.

— Que querida que tu és. — Ele sorriu abertamente e desgrenhou-lhe o cabelo, porque sabia o quanto isso iria irritá-la. — E o que foi que a tua desgraçada mãe fez para merecer uma filha assim? Se fosses uns aninhos mais velha, Kat, juro que te levava comigo para Gretna Green.

— Ah, mas seria eu suficientemente tola para ir? Além disso, não estamos a falar das minhas perspectivas matrimoniais — continuou ela com uma expressão séria. — Fiz-te uma pergunta e continuo à espera de uma resposta.

— Claro. Se as minhas intenções são honradas? — Franzindo o sobrolho, ele calou-se por um instante para pensar na resposta. Flocos de neve, que se derretiam no seu cabelo, deslizavam-lhe pelo pescoço. Estava muito frio. — Não, lamento — disse ele finalmente. — De todo.

Katerina encolheu os ombros. — Então, está bem — respondeu alegremente, desviando-se para o lado e fazendo sinal para que entrasse. — A mãe não suporta homens honrados. A propósito, ela está na cozinha a pintar o cabelo.

— Vai-te embora — resmungou Izzy com voz abafada e a cabeça enfiada na pia. — Vieste antes da hora.

— Não, não vim. — Ralph beliscou-lhe o rabo revestido de ganga e excitadamente arrebitado. — Tu é que estás atrasada. Já agora, que cor é que vai ser? — Espreitando mais de perto para a massa de cabelo encaracolado encharcado, viu que a água suja da lavagem dentro da bacia tinha um horrível tom de índigo.

O jato final de água quente deslizou da cabeça dela, salpicando o interior da pia e o chão. Depois de Izzy ter espremido o cabelo e de o ter embrulhado, estilo turbante, numa enorme toalha cor-de-rosa, endireitou as costas e depositou um beijo molhado na face de Ralph antes que ele pudesse esquivar-se.

— Amora Silvestre Lustroso. Vai ficar irresistível, querido.

Ela já era irresistível, pensou ele enquanto a seguia até à caótica sala de estar — desarrumada, mas irresistível. E embora fosse suposto irem a uma festa em Hampstead, ele estava a começar a mudar de ideias, apesar do facto de correrem boatos de que um produtor de cinema extremamente útil iria estar presente. Izzy demoraria pelo menos uma hora a arranjar-se e estava um gelo lá fora. A ideia de uma noite tranquila em casa — apenas os dois em frente à lareira — estava a tornar-se cada vez mais convidativa.

— Vais sair? — perguntou ele esperançosamente, dirigindo-se a Katerina. Estendida ao longo do sofá repleto de almofadas com as pernas nuas penduradas no braço do sofá, estava absorta num livro.

Ela nem sequer se deu ao trabalho de levantar os olhos. — Não.

Porque é que Katerina não podia ser como as adolescentes normais e sair a uma sexta-feira à noite?, pensou ele com uma ponta de irritação. O pacote mãe-filha podia ter as suas pequenas vantagens — e o facto de Katerina ser capaz de organizar Izzy era uma indubitável mais-valia — mas, por vezes, o seu total desinteresse pela roda-viva da vida social podia ser uma verdadeira chatices.

Ele duvidava até seriamente que Katerina soubesse o significado da palavra diversão no sentido geral do termo. Aos dezassete anos de idade, não tinha namorado, não gostava de discotecas nem de festas nem das lastimáveis revistas para adolescentes. Nunca fazia mexericos. Parecia que a ideia dela de um tempo bem passado era monopolizar o sofá e devorar alguns capítulos da *Anatomia de Grey*. Deus sabia que ela era uma boa miúda, bem-educada e encantadora, engraçada quando queria e indubitavelmente bonita. Ele pura e simplesmente não conseguia entender porque é que ela não saía todas as noites para aproveitar ao máximo tudo isso.

Mas a verdade é que não ia sair, e como também não parecia estar a mostrar qualquer sinal de ir sair do sofá, Ralph resignou-se com a ideia de que, afinal, mais valia irem à festa.

— Demoro cinco minutos — mentiu Izzy dirigindo-se para o quarto com a toalha cor-de-rosa deslizando molhada atrás de si como a capa de um toureiro.

— Mãe, o teu cabelo está azul. — Katerina, que não conseguia compreender sequer porque é que alguém havia de querer mudar a cor do cabelo, quanto mais fazê-lo mensalmente, olhou fixamente para a mãe com um misto de irritação e tolerância.

— Não, não está — respondeu Izzy de nariz empinado por cima do ombro. — É Amora Silvestre Lustroso. Vai ficar irresistível. Quando estiver terminado.

Realmente, não existiam luxos muito maiores do que aquele na vida, decidiu Izzy. A crónica falta de dinheiro, a frustração de ser extremamente talentosa e ainda não ter sido descoberta, o incómodo de ter de se preocupar com quanto mais tempo o repulsivo do senhorio ia deixá-las ficar no apartamento nada luxuoso... esses problemas perdiam simplesmente a importância quando a pessoa estava deitada numa cama quente com um homem lindo, a acariciar um corpo deliciosamente quente, sabendo que não teria de se levantar durante horas. Era verdadeiramente maravilhoso.

— Contacto pele a pele — anunciou ela, satisfeita consigo própria por ter reconhecido a sua importância.

— Hum?

— As três experiências mais agradáveis que o homem conhece. — Ela sorriu, aproximando-se ainda mais e colando toda a extensão do corpo contra o lado dele. — Sexo, espirro e contacto pele a pele. Não, antes sexo, contacto pele a pele e espirro. Tocar pele é o segundo maior prazer. E é com certeza mais divertido do que uma constipação.

Um pé roçou contra a sua pele, deslocando-se experimentalmente para cima e para baixo. — Só se a outra pessoa se lembrar de depilar as pernas.

Izzy arranhou-lhe o peito em protesto. — Eu lembrei-me! Depilei-as ainda uma noite destas.

— Enquanto estavas a pintar o cabelo? — disse Mike. — Pensa, podias ter pintado as pernas e depilado a cabeça por engano. Que ideia.

— Como consegues ser tão sarcástico às dez da manhã de domingo? — perguntou Izzy de modo rabugento. Ao constatar que estava com fome, indagou-se se Kat seria receptiva à ideia de cozinhar um pequeno-almoço gigantesco.

— Vem-me naturalmente.

— Não é justo.

— A vida não é justa. — Mike sentou-se com esforço, já que o sono natural iria ser-lhe negado. — O facto de eu só te ver duas noites por semana não é justo. Izzy, se queremos ter um relacionamento como deve ser, devíamos organizar-nos mais eficazmente.

Era esse o problema com Mike, pensou Izzy, sorrindo debaixo da roupa de cama. Fazia também parte do seu charme; só Mike poderia estar à espera que ela «se organizasse mais eficazmente». Na opinião dela, o relacionamento dos dois era perfeito. Todas as semanas, ela passava duas noites com Mike, duas com Ralph e duas a trabalhar. As quartas-feiras eram para descanso e relaxamento. E se isso não era um planeamento perfeito, então ela não sabia o que era.

— És uma pessoa ocupada, eu também... — murmurou ela vagamente, aconchegando-se nele uma vez mais. — Além do mais, ias aborrecer-te. Afinal, eu levo uma vida bastante banal. Depressa te fartarias de mim, se tivesses de ficar a ver-me a esfregar o chão da cozinha e a aspirar o corredor.

Nada do que Izzy fazia era banal, pensou Mike. Ele também duvidava seriamente que ela sequer soubesse qual era o aspeto de um aspirador, mas, todavia, sentia que discutir isso seria inútil. — Ok — disse ele, abraçando-a e inspirando o vago e inconfundível aroma do corpo de Izzy. — Eu desisto. Vou expandir o império do meu negócio e tu podes aspirar à vontade. Desde que não te fartes tu e não arranjes outro homem.

— Com uma filha como a minha para me denunciar? — disse Izzy a sorrir para ele. — Nem pensar.

Capítulo 2

— Não compreendo — disse Gina de modo hesitante, a sua mente apagando as palavras que sabia que devia ter ouvido incorretamente. — Não estás a fazer sentido. Deixa-me ir buscar-te uma bebida... há borrego assado para o jantar e só está pronto daqui a uns trinta minutos.

Caminhando aos solavancos até ao armário das bebidas no canto da sala de estar, apercebeu-se com horror de que já não sabia o que fazer com as mãos. Pareciam-lhe enormes e desajeitadas, oscilando caídas dos lados enquanto caminhava. Foi com alívio que pegou na garrafa de *Gordon's* e serviu a bebida de Andy — um dedo de gin, três de água tónica, como ele sempre gostava quando chegava a casa depois do trabalho.

Mas naquele momento ela enfrentava o novo problema de para onde olhar. Ela sabia que Andrew estava a observá-la e embora fosse impossível que ele quisesse dizer o que tinha acabado de dizer, ela estava incapaz de o olhar nos olhos. A sua coordenação tinha desaparecido. Ela não sabia se havia de ficar de pé ou sentar-se. E como é que algo tão parvo podia estar a acontecer ao seu corpo, quando, de qualquer forma, tudo não passava de um simples mal-entendido? Sem dúvida alguma, em menos de um minuto eles estariam a rir-se do seu ridículo engano e as suas mãos e os seus olhos voltariam a comportar-se normalmente.

Mas Andrew não estava a rir-se. Abanou a cabeça quando ela lhe estendeu finalmente a bebida e apontou para uma poltrona próxima.

— Senta-te. É melhor beberes um copo. Céus, desculpa, Gina! Deves pensar que sou um autêntico canalha, mas eu não estava realmente à espera que uma coisa destas pudesse acontecer. Não queria magoar-te...

Gina ficou tensa, incapaz de fazer outra coisa senão esperar. A qualquer instante ele abriria um sorriso e diria: «Estou a brincar, claro», e ela poderia então descontraír e tratar do jantar. As pastinagas precisavam de ir para dentro do papel de estanho e o molho de cebola, que fervia lentamente ao fogão, precisaria provavelmente de ser mexido.

— Eu achava que por esta altura tu já estarias a atirar-me com coisas — continuou Andrew, odiando-se pelo que estava a fazer, mas a precisar de

provocar algum tipo de reação. Quando Gina olhou finalmente para ele, ele viu medo e confusão nos seus olhos.

— Estás a brincar? — sussurrou ela por fim, e o fio de esperança na sua voz era quase impossível de suportar. Endurecendo-se contra isso, e respirando fundo, Andrew preparou-se para repetir as palavras que tinha esperado ter de dizer apenas uma vez.

— Gina, isto não é nenhuma brincadeira — disse ele, mais bruscamente do que tencionara. — Vou sair de casa e quero o divórcio. Conheci outra pessoa, já estou com ela há quase seis meses, e ficar aqui não é justo para nenhuma das duas. Aluguei um apartamento no Barbican e vou para lá esta noite. Desculpa — repetiu ele, sentindo-se impotente. — Eu não queria mesmo magoar-te, mas por vezes estas coisas acontecem simplesmente...

— Mas tu és meu marido — sussurrou Gina. Os seus joelhos estavam a começar a tremelicar incontrolavelmente (ele sempre tinha dito o quanto gostava dos seus joelhos), e ela estava com dificuldade em engolir. Pousando cuidadosamente o copo com gin tónico na mesa ao seu lado antes que pudesse entorná-lo, levantou-se e em seguida tornou a afundar-se na poltrona. — Somos casados — disse ela, incrédula. — Temos um casamento feliz! As pessoas estão sempre a comentar o quão felizes somos.

Compaixão misturava-se com irritação. Por amor de Deus, porque não podia ela atirar-lhe com alguma coisa acima?! Porque não estava ela a gritar, aos berros, a praguejar e a fazer, basicamente, um escarcéu? Isso facilitaria contar-lhe o resto, pensou ele lugubrememente.

— Eu era feliz — disse-lhe ele, desejando que ela reagisse. — Mas agora apaixonei-me por outra pessoa.

— Disseste que não querias magoar-me! — Os nós dos dedos de Gina empalideceram quando ela pressionou os punhos cerrados contra o colo. Com um esforço enorme, explodiu: — Podia perdoar-te por teres um caso. Não precisamos de nos divorciar... se não queres magoar-me, podes dizer-lhe que está tudo acabado e que vamos continuar como se nada tivesse acontecido. Não passa de uma aventura — concluiu ela sem fôlego, engasgando-se com as palavras enquanto lágrimas quentes começavam, finalmente, a cair. — Não significa nada, a sério que não. Muitos homens passam por este tipo de coisa... não quer dizer que temos de nos divorciar...

— Eu quero casar-me com ela — disse Andrew num tom monótono.

Gina fitou-o, perplexa. Não estava a dar-lhe todas as oportunidades? Não estava a ser o mais compreensiva que qualquer mulher seria capaz de ser? — Mas porquê?

Ele pegou no copo de gin tónico e esvaziou-o de um trago. — Porque, — respondeu lentamente, — ela está grávida.

...

Enquanto oscilava a escova do seu rímel e aplicava uma segunda camada de produto, Izzy entoava a plenos pulmões a segunda estrofe de «New York, New York». — Kat, queres boleia até à biblioteca? É que eu saio dentro de cinco minutos.

Logo em seguida, Katerina apareceu atrás dela no espelho. Tomada de amor pela sua preciosa e inteligente filha, Izzy virou-se para trás e abraçou-a.

— Que faria eu sem ti, hum?

— Enrolavas-te toda — respondeu Katerina, sempre prática. — Bem, é possível que algum deles ligue esta noite?

— O Ralph, talvez. Quer que eu jante com ele amanhã... diz-lhe que vou ter com ele ao Vampires às oito e meia. O Mike não deve ligar, mas se o fizer, diz-lhe só que...

— Vais a uma audição — concluiu a filha. — Não te preocupes, eu não vou esquecer-me.

— És um anjo. — Izzy abraçou-a novamente e em seguida recuou e observou-a com olhos intensos a fingir seriedade. — Sou mesmo uma desgraça?

Aos dezassete, Katerina era uma pessoa bastante decidida. Izzy tinha os seus defeitos — e às vezes a desorganização crónica podia ser particularmente irritante — mas, enquanto mãe, era uma das melhores. E quem poderia alguma vez descrever uma pessoa calorosa, generosa, otimista e carinhosa como uma desgraça?

— Andas com o Mike há mais de um ano — respondeu ela calmamente. — E há quanto tempo o Ralph anda por aqui? Quase dois anos? És fiel aos dois. Não prometeste casar com nenhum deles. Todos estão felizes... o que pode estar de tão errado com isso? Quando eu crescer, — acrescentou descontraidamente, — tenciono completamente arranjar vários amantes em regime de part-time.

— E que babem bastante — disse Izzy, que não deixava de se impressionar com a extensão da irrefutável lógica da filha. Olhou para o relógio de pulso. — Socorro, vou mesmo chegar atrasada. Queres boleia ou não?

Katerina abanou a cabeça. — Está demasiado frio lá fora. Posso passar por lá amanhã de manhã a caminho da escola. De qualquer forma, tenho um ensaio para continuar esta noite.

— Ok. — No hall gelado, Izzy embrulhou-se no seu blusão de cabedal castanho e colocou um cachecol de lã branco em volta do pescoço. Agarrou nas chaves e no capacete e deu um último beijo à filha. — Devo estar de volta lá para a uma e meia, se os fãs me deixarem!

— Vais voltar muito antes disso — disse Katerina enfadada, levantando a sacola de que Izzy se tinha esquecido — se não levars a tua roupa.

...

Izzy cantarolava baixinho. Os dentes batiam com demasiada violência para arriscar cantar em voz alta; iria acabar com uma língua retalhada. A sua adorada mota, uma elegante *Suzuki 250* preta, era uma maravilha de conduzir durante os meses de verão e era certamente económica, mas viajar de casa para o trabalho, e do trabalho para casa, a temperaturas abaixo de zero era — ela não conseguia encontrar melhor forma de descrever — uma grande merda.

Ainda assim, pelo menos as estradas não estavam demasiado geladas naquela noite. Apesar dos loucos, ela estaria no clube em menos de vinte minutos. E, sabe-se lá, aquela noite podia ser a que fosse mudar a sua vida. . .

Depois de ter limpo os restos da refeição da tarde, de ter trocado o uniforme da escola por uma camisola de malha preta e por umas leggings, e ter esvaziado um pacote de *Liquorice Allsorts* para dentro de uma taça de sobremesa para um acesso fácil, Katerina instalou-se em frente da lareira a indagar-se como seria a vida das pessoas que odiavam a solidão.

Katerina adorava-a, tanto quanto adorava o apartamento pequeno mas aconchegante situado por cima de uma loja de ferragens numa rua tranquila mesmo em frente da Clapham High Street. Era apenas alugado, claro, mas Izzy tinha-se lançado de cabeça na redecoração, com o entusiasmo habitual e a queda para o drama, assim que se tinham mudado para lá dezoito meses antes. E embora ela pudesse não ter conseguido ter dinheiro para o luxo do papel de parede, tinha mais que compensado esse facto com tintas de tonalidades ricas, acabamentos chamativos e o seu próprio deslumbrante sentido de estilo. Muitas horas de pintura multicolorida com estênceis e habilidoso pendurar de quadros depois, o efeito tinha sido tão espetacular como Katerina sabia que seria e, no espaço de quatro dias, o apartamento tinha-se transformado num lar.

Era um dos talentos mais inesperados de Izzy e se Katerina tivesse sido menos leal, poderia ter desejado que a mãe considerasse a hipótese de uma carreira em design de interiores, ou mesmo na boa e velha pintura ou na decoração. Evidentemente, não era provável que isso lhe trouxesse fama e fortuna, mas era trabalho decente e lucrativo e conhecido até por garantir um salário razoável. . .

Katerina pura e simplesmente não era capaz de imaginar como teria sido crescer com uma mãe que não cantasse. Tanto quanto se lembrava, Izzy sempre estivera presente, a correr de crise financeira em crise financeira e, ao mesmo tempo, eternamente confiante de que a inevitável grande oportunidade estaria mesmo ao virar da esquina. Quando era muito pequenina, Katerina tinha-se encarrapitado em grades de

cerveja em pubs escuros e cheios de fumo e em clubes recreativos, a bebericar *Coca-Cola* e a ouvir a mãe cantar enquanto à sua volta a assistência prosseguia com a séria obrigação da bebedeira de sábado à noite. Por vezes, havia aplausos de reconhecimento, que era o objetivo de vida de Izzy. Outras vezes, rebentava uma briga entre os clientes e as canções de Izzy eram esquecidas no meio da agitação resultante. Periodicamente, apareciam os importunadores, quer acompanhando a música com letras alternativas indecentes, ou dirigindo-se diretamente a Izzy e rindo estupidamente da graçola que tinham acabado de fazer. Os olhos de Katerina enchiem-se de lágrimas sempre que tal acontecia e o desejo de enfiar um soco de menina de sete anos no nariz dos perpetradores era tão grande que ela tinha de se agarrar aos lados da grade em que estava sentada para não o fazer. Aos seus olhos, a mãe era Joana d'Arc, uma heroína perseguida por campónios ignorantes. Depois, Izzy ria-se e dizia que não tinha importância porque tinha ganho três libras e quarenta, enfiava os quarenta cêntimos na pequena mão da filha e dava-lhe um abraço. Não importava, explicava ela alegremente, porque toda a gente precisava de começar em algum lado; a vida era assim. E qualquer pessoa capaz de sobreviver a uma noite num clube recreativo dos arredores de Blackpool ia, por comparação, achar que Las Vegas era canja.

No dia seguinte, na escola, a professora de Katerina tinha-a encontrado a examinar minuciosamente um atlas em busca dessa cidade elusiva. Em resposta à pergunta, «Como é Las Vegas?», tinha respondido a senhora Brent com uma fungadela de desaprovação, «É uma cidade onde toda a gente se diverte», e Katerina tinha ficado tranquilizada. Os carneirinhos divertiam-se nos campos. Na sua imaginação, Las Vegas transformou-se num enorme campo verde-esmeralda, com os seus habitantes pulando, saltitando e sorrindo uns para os outros. «A minha mãe vai levar-me para Las Vegas», confidenciara ela alegremente. «Quando lá chegarmos, vou divertir-me todos os dias.»

Escusado será dizer que Las Vegas não tinha acontecido. A grande oportunidade de Izzy tinha-se recusado teimosamente a concretizar-se e a vida tinha prosseguido o seu desorganizado e impecunioso rumo, embora, pelo menos, os clubes recreativos fossem agora coisa do passado. O Platform One, onde Izzy tinha trabalhado nos últimos oito meses, podia não ser o Ronnie Scott's, mas ficava situado no Soho e a clientela, de um modo geral, era elogiosa. Ali, em Londres, como Izzy sempre afirmava, havia sempre a hipótese de surgir uma oportunidade... nunca se sabia quem poderia entrar pela porta uma noite, ouvi-la cantar e constatar que

era precisamente dela que precisava para o papel principal no espetáculo que estava a produzir...

Tal não aconteceu, claro, mas Izzy nunca se havia cansado da fantasia. Cantar era a sua paixão, o que fazia melhor. Ela estava a fazer o que tinha de fazer e Katerina não lhe levava a mal um único lastimável momento. Quem, afinal, podia levar a mal uma mãe que gastava alegremente montes de dinheiro numa camisola de angorá amarela-clara para a filha e sobrevivia à custa de sanduíches de manteiga de amendoim durante a semana seguinte para recuperar o precário equilíbrio financeiro? E se a sua generosidade impulsiva deixava sempre Mike alarmado, que era uma daquelas pessoas que ficava nervosa se as contas da eletricidade não fossem pagas na volta do correio, Katerina adorava o maravilhoso menosprezo da mãe por questões mundanas como a segurança financeira. Se a bomba caísse no dia seguinte, ela preferia muito mais ter uma camisola de angorá deliciosamente macia para a aquecer do que deambular pelas ruas repletas de destroços a perguntar-se como tudo isso iria afetar o seu plano de reforma.

Ela já tinha dado conta de um terço dos *Liquorice Allsorts* e já ia a caminho da segunda página do ensaio quando o telefone tocou. Passavam dois minutos das oito. Sorrindo para si mesma — pois apesar de toda aquela sofisticação aparente, Ralph nunca perdia um episódio de *Coronation Street* —, Katerina atendeu.

— Calculo que a tua mãe tenha saído — disse a voz brusca de Lester Markham.

Katerina respondeu suavemente: — Receio que sim. Como vai, Sr. Markham? E como está...

— Deixa lá isso — interrompeu ele severamente. — Ficarei muitíssimo melhor quando receber os últimos dois meses de renda que a tua mãe me deve. Diz-lhe que apareço amanhã por volta das nove da manhã para receber o pagamento. Por inteiro.

Katerina enfiou mais um *Liquorice Allsort* na boca — um preto e castanho em três camadas, um especial favorito — e refletiu um pouco no assunto. Lester Markham era muito parecido com Jim Royle da *The Royle Family*, só que um pouco mais encardido. E também não tinha tanto sentido de humor.

— Pensei que só estávamos a dever um mês — disse ela cuidadosamente.

— Mais um mês de adiantamento, — disse bruscamente Lester Markham, — que ela gastou em dezembro e parece muito convenientemente ter esquecido.

Ups, pensou Katerina. Então tinha sido assim que Izzy tinha conseguido o dinheiro para a esplêndida ceia de Natal no Chez Nico.

— Claro — respondeu ela num tom conciliador. — Eu digo-lhe assim que ela chegar a casa, Sr. Markham. Não se preocupe com nada.

— Não estou preocupado — disse ele num tom lúgubre. — Tu é que devias estar preocupada. Diz só à tua mãe que se eu não receber esse dinheiro amanhã de manhã, e estou a falar no dinheiro todo, vocês duas têm de sair do apartamento até ao final da semana. — Fungou e em seguida acrescentou, bastante desnecessariamente: — E não estou a brincar.

Capítulo 3

Gina não sabia porque estava a fazer aquilo — ela já nem sequer tinha a certeza de onde estava — mas sabia que não podia ir para casa. Qualquer coisa era melhor do que regressar para aquela casa vazia e ter de reviver o pesadelo da partida de Andrew.

Os seus dedos retesaram convulsivamente, agarrando com tanta força o volante do *Golf* que ela se interrogou se seria capaz de as libertar de novo. E estava agora definitivamente perdida, mas como não tinha para onde ir, não lhe parecia ter importância.

Depois de ter arrumado algumas malas com uma pressa carregada de culpa, Andrew tinha deixado a casa de ambos em Kensington às seis e dez e Gina, sem saber que mais fazer, tinha desligado o forno e preparado um banho quente. Depois, incapaz de encarar a ideia de despir a roupa — já se sentia suficientemente vulnerável —, tinha puxado a tampa da banheira, visto a água cheia de espuma com aroma a lilás desaparecer num redemoinho e pegado antes no casaco e nas chaves do carro.

Conduzir às voltas por Barbican durante quarenta minutos tinha sido simultaneamente estúpido e inútil. Gina sabia disso, mas sabendo também que algures no meio dos ninhos pluriestratificados de apartamentos feitos à medida estava o marido, ela tinha-se convencido que se ao menos conseguisse localizá-lo, ele voltaria para si. Ela tinha até dado por si a olhar fixamente para janelas iluminadas e a desejar que ele aparecesse a uma delas. Ao olhar para a rua, podia ser que ele reconhecesse o carro dela. Então, dominado pelos remorsos, ele correria até à rua, abraçá-la-ia e suplicaria perdão...

Mas, claro está, tal não tinha acontecido, porque havia simplesmente demasiados apartamentos e porque naquela altura o *BMW* cinzento-prata dele devia estar fechado num daqueles dispendiosos parques de estacionamento com segurança. Além disso, o marido teria sem dúvida coisas muito mais interessantes para fazer do que olhar por uma janela. Ele tinha uma amante, uma amante grávida, que provavelmente estaria com ele naquele momento a regozijar-se na sua vitória e a ouvi-lo, com riso disfarçado, relatar-lhe os acontecimentos daquela tarde.

Como Descartar Uma Esposa Indesejável, pensou Gina desoladamente, com um nó a formar-se-lhe uma vez mais na garganta enquanto acelerava e mudava de faixa para evitar um carro mal estacionado. Andrew e a amante estavam provavelmente a falar sobre o assunto naquele momento, assegurando um ao outro que, como estavam apaixonados, mais nada interessava. Afinal de contas, o que era uma mulher usada entre amigos? E também deviam estar na cama a fazer amor apaixonadamente e a rir-se ao mesmo tempo porque Andrew tinha sido tão inteligente e tudo tinha sido tão maravilhosamente fácil...

Cega pelas lágrimas, ela não viu o cruzamento que se aproximava até ser demasiado tarde. De repente, um nauseante som surdo e o guincho áspero de metal contra metal inundou o carro. Aos gritos, Gina travou a fundo e o carro fez um peão antes de parar no momento em que um outro ruído surdo ecoou violentamente pelos seus tímpanos. A tremer tão profusamente que quase não conseguia desapertar o cinto de segurança, Gina combateu a náusea crescente e abriu violentamente a porta do carro. Medo e pânico impeliram-na — sabe-se lá como — na direção do corpo do motociclista que jazia imóvel num feixe de luz azul refletida de um bar próximo. *Meu Deus*, pensou ela, choramingando aterrorizada, *matei-o... ele está morto... oh, Deus, por favor, não permitas que isto esteja a acontecer...*

Izzy não estava morta. Azamboada, vagamente espantada com a extensão da dor que lhe dilacerava as pernas, e com o facto surpreendente de não estar a fazer mais espalhafato com isso, jazia na sua posição contundida na berma da estrada e ouvia o som de uma mulher histérica aos gritos. — *Matei-o... alguém ajude... matei-o.*

Ao abrir experimentalmente um olho, Izzy deu por si ao pé do esgoto. Agora estava a começar a doer-lhe tudo, e ainda por cima a humidade fria da estrada estava a começar a infiltrar-se na sua roupa. Mas pelo menos ela era capaz de ver a mota, o que era estranhamente tranquilizador, mesmo que a roda da frente estivesse bastante deformada e o guiador parecesse ter-se torcido em todas as direções erradas.

De seguida, viu as pernas da mulher que estava a fazer aquele barulho todo. Umhas pernas magras, revestidas de meias claras e apoiadas nuns sapatos de saltos altos salpicados de lama, surgiram à sua frente.

«Ele não está morto!» gritou a voz que as acompanhava, e Izzy começou a perder a paciência. Quando tentou levantar a cabeça para ver o homem ferido (por amor de Deus, quantas pessoas teriam estado envolvidas naquele acidente?), não conseguiu perceber porque não estava a conseguir fazê-lo. Envergonhada com a própria fraqueza, olhou furiosamente para as estúpidas pernas magricelas diante de si. — *Decida-se* — disse ela, irritada.

— E, por favor, pode parar de gritar? Ele vai precisar do raio de uma ambulância, quer esteja morto, quer não.

— Ela não está bem em si, mas não se deve preocupar com isso — explicou tranquilizadamente o jovem médico. Ele esqueceu-se de mencionar que Izzy (para deleite das enfermeiras do turno da noite) tinha acabado de o informar que ele tinha um corpo fantástico. — É consequência do choque em combinação com os sedativos que tivemos de lhe dar — continuou ele com um olhar gentil. — Ela não sofreu qualquer traumatismo craniano.

Eram três e meia da manhã e o resto da enfermaria estava às escuras quando o médico levou Katerina até à enfermaria que ficava para lá do gabinete da enfermeira-chefe. De boca seca devido à apreensão, Katerina pôs-se aos pés da cama a olhar fixamente para a mãe, que estava apoiada numa montanha de almofadas e aparentemente a dormir. Com o cabelo escuro espalhado sobre os ombros e a maquilhagem esborratada em torno dos olhos fechados, ela parecia tão pequena e pálida que Katerina estava com dificuldade em acreditar que tinha apenas golpes, nódoas negras e uma perna partida.

De repente, como se tivesse sentido que tinha companhia, Izzy abriu os olhos.

— Querida! — exclamou ela, estendendo os braços. — Vem cá e dá à tua pobre mãe amassada um enorme abraço.

— Como te sentes? — perguntou Katerina, beijando a face de Izzy e murmurando uma prece de agradecimento a quem tinha inventado capacetes.

— Bem, por acaso, absolutamente maravilhosa, mas isso é por causa dos comprimidos que eles têm estado a enfiar-me. Amanhã, sem qualquer dúvida, vai estar tudo a doer como o raio. Eles falaram-te da maluca que veio bater contra mim? Aparentemente, eu voei pelos ares como uma trapézista e depois... *plof*.

— Pelo menos estás viva — disse Katerina com as lágrimas a arderem-lhe nas pálpebras quando dava a Izzy mais um abraço.

— E tu estás, definitivamente, indecente — respondeu severamente Izzy, abotoando os botões de cima da camisa branca de algodão da filha. — Põe-te apresentável, filha, antes que aquele jovem Adónis atrás de ti comece a ter ideias.

— Mãe! — Katerina reprimiu um sorriso, não se atrevendo a virar-se para trás.

— Não te rias. Sei muito bem como são estes médicos. Está a ouvir-me, meu jovem? — continuou ela, acenando-lhe com um dedo admoestador.

— Esta é minha filha, tem dezassete anos e é tão pura como é bonita, por isso quero que se controle.

— Não se preocupe comigo, Sra. Van Asch. — O médico, atarefado a preencher tabelas aos pés da cama, parecia divertido. — Sou um homem casado.

— São a pior espécie — disse sombriamente Izzy, semicerrando os olhos no momento em que Katerina tentava tapar-lhe a boca. — E você devia ter vergonha por enganar a sua mulher. Muito provavelmente, ela neste momento está em casa a pensar que está muito ocupado com o trabalho, enquanto em vez disso você está aqui, seu depravado, a babar-se como um pervertido por causa da minha inocente filha adolescente...

— Mãe! — A palavra saiu como um sussurro angustiado. Por mais habituada que estivesse ao escandaloso talento de Izzy para arrancar rubores às pessoas que nunca tinham ruborizado na vida, aquilo era de mais. Era verdadeiramente embaraçoso.

— A sério, não tem importância — garantiu sorridentemente o médico a Kat, no momento em que a porta da enfermaria se abriu uma vez mais. — Ah, parece que tem mais uma visita. Apenas cinco minutos, penso eu, e depois a Sra. Van Asch tem mesmo de descansar.

Tendo entrado em pânico depois de receber a chamada do hospital, e não acreditando nem por um momento que Izzy tinha sofrido apenas «ferimentos sem importância», Katerina tinha telefonado a Ralph e, por sorte, tinha-o apanhado em casa. Tinha sido Ralph quem a levava ao hospital, Ralph quem tinha estado à espera no corredor fracamente iluminado do lado de fora da enfermaria, e Ralph, louro e lindo, quem naquele momento entrava no quarto e se dirigia para o lado de Izzy com amor e preocupação nos olhos.

— Querida, estávamos tão preocupados contigo...

— Estou bem — disse alegremente Izzy, levantando o rosto para um beijo. De seguida apontou para a armação de metal que lhe cobria as pernas e olhou-o com um ar apoquentado. — Bom, eu estou bem, mas a minha perna não. Não vamos poder fazer sexo durante semanas. Oh, Mike, — concluiu ela tristemente, — não é a coisa mais deprimente que já ouviste?

Capítulo 4

Em linguagem médica, eram conhecidas, enigmaticamente, por «complicações» e, no dia seguinte, começaram a piorar a olhos vistos. Depois de ter explicado apressadamente a Ralph que Izzy estava sob o efeito de drogas alucinogénias, Katerina tinha conseguido, apenas parcialmente — minimamente, mesmo —, convencê-lo de que tudo não tinha passado de uma ridícula gafe. E quando, na manhã seguinte, Mike tinha telefonado para o apartamento para falar com Izzy e Katerina o tinha informado do acidente, ela concluíra que não podia ter feito outra coisa. Afinal de contas, o sujeito estava apaixonado pela sua mãe. Ele tinha de saber que ela estava no hospital.

Consequentemente, e bastante naturalmente, Mike tinha ido a correr para o hospital para visitar Izzy e para depositar braços cheios de flores de estufa exóticas à volta da cama dela. Foi o puro mau *timing*, combinado com as vagas suspeitas de Ralph, que havia levado ao infeliz *tête-à-tête-à-tête* que se tinha seguido.

Embora não fosse uma cobarde, Katerina estava satisfeita por não ter estado presente. Pela forma como Izzy lhe tinha contado o sucedido, tinha sido indescritivelmente burlesco.

— ...então ali estava o Mike, sentado na borda da minha cama a desenrolar quilómetros de celofane e a enfiar todas aquelas flores incríveis em jarras de estanho medonhas, quando, de repente, o Ralph escancarou a porta e explodiu dentro do quarto, mesmo como a Bruxa Má do Norte! — Izzy estremeceu enquanto relatava a cena. — Depois deixou-se ficar simplesmente ali à porta e disse: «Não me digas, este é o Mike.» E, como é óbvio, o Mike disse: «Sim, sou o Mike. Quem és tu?» e o Ralph, meu Deus, querida, nunca te envolvas com um ator, emperdigou-se todo e disse... não, proclamou!... «Eu sou o outro amante da Izzy.»

Ela sabia que não devia ficar entusiasmada, mas Katerina não conseguiu evitar.

— Continua — incitou ela, desejando silenciosamente que Izzy tivesse

conseguido contornar a situação. Se havia alguém capaz de lidar com uma situação tão desvantajosa, era a sua mãe.

Izzy encolheu os ombros, lendo-lhe os pensamentos. — Lamento, querida, mas que podia eu fazer? As enfermeiras disseram-me depois que o Ralph tinha estado horas no corredor; obviamente, tinha estado à espera que o Mike aparecesse. E tu sabes o quão orgulhoso e dramático ele é. Representou simplesmente o seu papel, dizendo: «Está tudo acabado, Izzy. Nunca mais me pões a vista em cima» e saiu disparado.

Katerina tinha gostado tanto de Ralph como de Mike, embora Ralph tivesse, decididamente, sido mais divertido. Ela achava que ele também tinha combinado melhor com Izzy, enquanto que Mike era mais calmo, mais sério e mais inerentemente atencioso.

— E o Mike? — perguntou ela com expectativa, ciente de que estava a tentar agarrar-se a qualquer coisa. Ele podia ser atencioso, mas não era completamente estúpido.

— E o Mike — repetiu Izzy num tom pensativo. — Bem, foi tudo bastante triste, na verdade. Deu-me um dos olhares dele, o mesmo tipo de olhar que usa quando eu como pernas de frango com as mãos, e disse: «Lamento, Izzy, mas pensei que podia confiar em ti. Parece que não posso.» Depois tirou as flores todas das jarras, voltou a embrulhá-las todas nos malditos pacotes de celofane e saiu.

— Oh, mãe — disse Katerina com pesar. Era tudo tão triste e tão desnecessário. E tinha também sido, pelo menos em parte, culpa sua.

Izzy deu-lhe umas palmadinhas no braço. — O que será, será — disse ela filosoficamente. — Eu sei que é uma chatice, mas acho que não posso censurá-los. Além disso, — acrescentou ela com um encolhimento de ombros e com um sorriso, — outras flores virão.

A mãe estava a ser tão determinadamente corajosa que Katerina sabia que ela tinha de estar chateada. Entre os dois, Ralph e Mike tinham tornado a vida de Izzy feliz e completa. Agora, sem ter tido qualquer culpa, tinha perdido os dois e a injustiça de tudo isso atingiu Katerina como um golpe de martelo.

— Não é justo — repetiu em voz alta. Izzy ainda nem sequer tinha conhecimento do iminente despejo das duas do apartamento e ainda não se tinha apercebido, nitidamente, das implicações que uma perna partida iria ter a nível do emprego. — E talvez a culpa não seja deles. Mas eu sei quem tem a culpa...

Foi surpreendentemente fácil encontrar a casa, embora estivesse escondida no final de Kingsley Grove, num beco sem saída a algumas centenas de metros de distância do Holland Park. Embora escondida não fosse bem

a palavra para a descrever: uma imponente casa vitoriana de três andares, com paredes de pedra claras debaixo de um ornamentado telhado castanho-avermelhado e um jardim maior do que a média, coberto de geadas, dominava as outras casas da rua. O jardim, embora superlotado, estava bem cuidado e pintura recente rodeava janelas brilhantes e impecavelmente limpas adornadas com cortinas oscilantes. Parando ao portão, Katerina contraiu os lábios e indagou-se se toda aquela fria perfeição seria mantida com a ajuda de pessoal de fora ou se a «Morte Ambulante», como Izzy se tinha descontraidamente referido à condutora do *Golf GTi* que a tinha ceifado, faria tudo sozinha.

Contudo, sentiu-se aliviada ao ver o carro agressor no caminho de acesso à casa. O facto de ali estar — reluzente, branco e polido quase até à exaustão — indicava que a proprietária estava, de facto, em casa, o que significava que Katerina não tinha apanhado dois metros e sido beliscada no traseiro em Westminster para nada.

Apesar do sol da manhã, estava desesperadamente frio ali fora. Batendo com os pés numa tentativa de recuperar a sensação nos dedos dos pés e aconchegando mais o casaco carmesim ao corpo, Katerina abriu o portão e dirigiu-se à porta principal.

Por natureza, não era uma pessoa vingativa e a sua intenção ao deslocar-se ali não era a de magoar nem de aborrecer de propósito a mulher. Mas ela não conseguia, pura e simplesmente, suportar a ideia de esta se descartar do incidente, afastando-o da sua mente e continuando com a sua vida como se nada de importante tivesse acontecido. Ela precisava de garantir que a mulher entendesse — entendesse realmente — a extensão das suas atitudes negligentes e que, apesar de a sua própria vida poder prosseguir sem problemas, ela tinha sem dúvida conseguido estragar a vida de outro ser humano.

Quando a porta da frente se abriu finalmente, ela foi genuinamente apanhada de surpresa. Se tivesse sido sua intenção aborrecer aquela mulher, ela ter-se-ia sentido enganada, porque era óbvio que não havia nada capaz de a transtornar mais do que já estava. A expressão no seu rosto era comovente, os olhos cinzentos raiados de sangue e inchados do choro. A sua pele clara parecia tão frágil como um lenço de papel prestes a desintegrar-se.

Não tinha sequer passado pela cabeça de Katerina que o acidente pudesse tê-la afetado de maneira tão drástica — a mulher estava nitidamente desesperada! — e, por um instante, ela sentiu-se dominada por um sentimento de culpa. Que embaraçoso. E como diabo iria justificar a sua presença repentina à porta sem provocar ainda mais angústia à pobre mulher atormentada pela culpa?

— Sim? — disse Gina num tom cansado, mal parecendo reparar em Katerina. O seu olhar estava fixo numa gavinha rastejante de trepadeira que se tinha desprendido das amarras por cima do alpendre.

— Desculpe, — disse Katerina numa voz suave, — mas senti que devia vir falar consigo. Chamo-me Katerina. Sou filha da Isabel Van Asch.

Gina esteve quase prestes a dizer «Quem?», mas conseguiu parar mesmo a tempo. O nome devia obviamente dizer-lhe alguma coisa, embora ela não conseguisse compreender o porquê da rapariga estar com um ar tão compassivo.

Então... Van Asch. Claro. Era a filha da mulher em que ela tinha embatido na outra noite, a motociclista que ela julgara ser um homem. Normalmente, ela não teria sido capaz de pensar em mais nada, mas os últimos dias não tinham sido exatamente normais. Gina sabia que devia sentir-se envergonhada, mas de alguma maneira ela não conseguia reunir a energia para se preocupar com outras pessoas... Andrew tinha arruinado a sua vida e a confusão de o amar e odiar ao mesmo tempo estava a arrasá-la...

— Claro — disse ela, passando dedos agitados pelos lisos cabelos louros. — É melhor entrares.

— O-obrigada — disse Katerina por entre dentes trepidantes. Agora dava graças por ter faltado à escola e ter ido até ali; pelo menos podia tranquilizar a pobre mulher antes que esta ficasse mesmo doente. A culpa era uma coisa terrível, pensou ela com uma nova onda de compaixão. Que idiotice a sua não ter percebido que Gina Lawrence iria culpar-se e, muito provavelmente, sentir-se tão mal como Izzy.

— Queres um café? — perguntou Gina, erguendo os olhos para o relógio enquanto a conduzia até à imaculada sala de estar. Paredes do verde mais pálido estavam adornadas com gravuras de bom gosto e o conjunto dos sofás de veludo cor de pêsego combinava na perfeição com as cortinas. Katerina rezou para que os seus melhores ténis não estivessem a largar lama na tapete impecável.

— Não, obrigada. — Abanou a cabeça, decidindo ir direita ao assunto. — Olhe, não deve mesmo culpar-se pelo que aconteceu, Sra. Lawrence. Eu sei que deve ter sido um choque terrível para si, mas foi um acidente... podia ter acontecido a qualquer pessoa. Se eu me tivesse apercebido de que a senhora estava a reagir assim tão mal, teria aparecido mais cedo. Mas o que está feito, está feito e graças a Deus não foi pior. A mãe está bastante confortável agora e os médicos dizem que ela vai sair do hospital durante a próxima semana, o que são ótimas notícias. Por isso, como vê, não deve levar isto tão a peito — concluiu ela de forma tranquilizadora. — São coisas que acontecem...

Onze e um quarto, pensou Gina, fitando inexpressivamente a rapariga de olhos castanho-xerez, nariz rosado do frio e ténis pretos horrorosos. Àquela hora, Andrew devia estar no escritório, a trabalhar sentado à secretária e a anotar apontamentos com a caneta *Schaeffer* que ela lhe tinha oferecido no último Natal. Ela indagou-se se ele estaria a usar uma das gravatas que lhe tinha comprado e se a sua fotografia emoldurada, que tinha estado em cima da secretária dele nos últimos dez anos, ainda lá estaria. Ou teria sido escondida e substituída por uma fotografia de Marcy Carpenter, a mulher por quem ele a tinha trocado?

A ideia era tão terrível que as lágrimas voltaram a encher-lhe os olhos doloridos e ela limpou-as apressadamente com a mão, embora a rapariga já as tivesse visto.

— Oh, céus, lamento imenso... — chorou Gina, afundando-se numa cadeira. — Perdoa-me, mas não consigo evitar...

— Claro que a perdoamos — interrompeu Katerina, levantando-se de um salto e correndo para ao pé dela. A mulher precisava, decididamente, de ajuda profissional, mas a Psiquiatria era um ramo da medicina pelo qual ela se interessara particularmente nos últimos tempos e não era todos os dias que uma pessoa se deparava com um caso real de depressão reativa. Além disso, Gina Lawrence estava a começar a fazê-la sentir-se culpada.

Colocando confortavelmente os braços em redor dos ombros oscilantes da mulher, ela disse: — Afinal, se calhar sempre aceito o tal café. Fique aqui que eu vou fazer para as duas.

Quando regressou, alguns minutos depois, carregando um tabuleiro com chávenas e pires correspondentes e um prato de biscoitos de chocolate, a tempestade de lágrimas tinha acalmado.

— Deixe-me dizer-lhe que tem uma casa encantadora — disse Katerina, colocando o tabuleiro numa mesinha de centro de pernas finas que quase parecia não conseguir aguentá-lo. Mas ela sentia que Gina Lawrence não gostaria que tabuleiros de chá fossem pousados no chão. — Nunca tinha visto uma cozinha tão grande. E está tudo tão... arrumado!

— Não tenho conseguido parar de limpar coisas — disse Gina a fungar, abanando a cabeça quando a rapariga lhe ofereceu um biscoito. — Desde segunda-feira à noite que não consigo parar de fazer coisas. Não consigo ficar quieta... não consigo dormir... é tão estúpido!... Tenho-me levantado a meio da noite e antes de me aperceber do que estou a fazer, já esfreguei o chão da cozinha. Esta noite, passei cinco horas a limpar e a dar brilho às janelas todas e elas nem sequer precisavam de limpeza, mas eu precisava de estar ocupada...

— Entendo como deve estar a sentir-se, — disse Katerina com firmeza, — mas tem de se obrigar a conformar-se com o que aconteceu antes que

adoeça. Não a culpamos pelo acidente da minha mãe, por isso não deve culpar-se.

Gina olhou fixamente para Katerina durante um longo momento, como se ela estivesse doida. Sem ter entendido antes do que ela estava a falar, só naquele momento se apercebia de que toda a conversa tinha sido um mal-entendido. E que a rapariga pensava realmente que ela estava a passar por aquele maldito inferno meramente por causa de um estúpido e inevitável acidente.

— Acho que cometeste um engano — disse Gina, constatando que estava à beira do horrivelmente inapropriado riso histérico. Por sorte, este não explodiu. — Não estou assim por causa da... tua mãe. Isto é, lamento, claro, mas é apenas uma perna partida... — Ela hesitou ao perceber que não estava a ser clara e procurou pelas palavras certas. Como não tinha dito a ninguém que Andrew tinha saído de casa, conseguiu apreciar vagamente a ironia de ter de o dizer em voz alta pela primeira vez a uma desconhecida. — Sabes, na segunda-feira... o meu marido deixou-me. Trocou-me por outra mulher.

Mais tarde, muito mais tarde, Katerina agradeceria aos céus o facto de não estar a exercer Psiquiatria. O impulso de bater na mulher foi tão forte, que ela teve até de entrelaçar os dedos das mãos com força.

Neste caso, ela fitou simplesmente a cara da mulher marcada pelas lágrimas e disse, muito lentamente: — Cabra egoísta.

Era quase um alívio ter alguém contra quem se insurgir. De lágrimas momentaneamente esquecidas, Gina lançou-lhe um olhar fulminante.

— Não podes ter mais de dezasseis anos. Como poderias entender? — perguntou, exaltada. — O meu marido deixou-me e a minha vida está arruinada. Não consigo raciocinar como deve ser, mal consigo ver como deve ser, e aqui estás tu à espera que eu sinta pena da tua mãe apenas porque ela tem uma perna partida? A companhia de seguros vai tratar disso — continuou ela com ironia. — Mas a minha vida acabou e quem é que vai cuidar de mim?!

Katerina já não aguentava mais. De qualquer forma, ela não era psiquiatra. Katerina não conseguia perceber como é que aquela mulher tinha a cara deslavada de desprezar Izzy — que era engraçada, corajosa e tão otimista que chegava a ser comovente — para chafurdar em autocomiseração, simplesmente porque era demasiado banana para se erguer.

— Oiça bem — disse ela calmamente, porque a gritar insultos, por mais tentador que isso fosse, não ia conseguir atingir o seu objetivo. A «Morte Ambulante» iria apenas gritar em resposta e ela queria que o que tinha para dizer fosse escutado e interiorizado. — Foi você que causou o acidente. Graças a si, a minha mãe perdeu o emprego, a casa e dois namorados

de longa data. Não lhe restou nada e no final desta semana vamos estar as duas sem casa, por isso não se atreva a perguntar-me quem vai cuidar de si. Devia ter vergonha!

Depois, porque não fora sua intenção deixar-se entusiasmar daquela forma, levantou-se abruptamente fazendo as chávenas de café chocalharem. — Desculpe, acho que fui muito grosseira. É melhor ir-me embora.

— Sim — disse Gina de um modo glacial. — Acho que era melhor já teres ido.

Capítulo 5

Estar no hospital não era assim tão mau, decidiu Izzy. O James Milton Ward, para casos ortopédicos, era até bastante agradável porque os pacientes com ossos partidos não estavam realmente doentes, e agora que tinha sido transferida para a enfermaria principal, nem sequer tinha tempo para se sentir só. A enfermaria era mista, o moral era elevado, a comida era surpreendentemente boa e o fémur fraturado da cama doze era absolutamente lindo, ainda que fosse dentista na vida real.

Também a tinham ensinado a jogar um espetacular jogo de póquer, que era, de longe, mais divertido do que lutar com um cesto de roupa suja «teça-você-mesma» ou com uma peça de tricô, cada vez mais cinzenta e esfiapada, que a terapeuta ocupacional tinha insistido para que experimentasse.

Mas, por enquanto, a paz reinava. Os que se encontravam em tração estavam ou a dormir, ou a ler, e todos os outros tinham ido para a sala da televisão no extremo oposto da enfermaria; estavam desesperados por ver uma meia hora crucial de uma telenovela de que Izzy nunca tinha ouvido falar, mas que, pelos vistos, eles aguardavam ansiosamente. Aproveitando o breve hiato, Izzy estava absorta a pintar as unhas das mãos num tom particularmente fascinante de fúcsia. Ela não conseguia chegar aos dedos dos pés; estes teriam de esperar até Katerina chegar mais tarde.

A sua atenção foi captada momentos depois pelo aparecimento de uma visita à porta, principalmente por causa do som dos saltos altos batendo ritmicamente no chão de madeira encerado. Ao erguer os olhos, Izzy viu uma mulher alta e magra com cabelos louros apanhados num puxo e um fato marfim e preto, estilo *Chanel*, extremamente sofisticado. Parando com hesitação no meio da enfermaria, perscrutou as camas alinhadas de cada um dos lados e ajeitou a mala pendurada no ombro almofadado com um gesto nervoso.

— Estão todos na sala da televisão — disse Izzy, apontando para a sala com o pincel do verniz. — Merda! — exclamou, quando uma gota reluzente de fúcsia aterrou no seu colo, estragando para sempre a sua segunda

melhor t-shirt branca. Depois fez um sorriso forçado porque a visita tinha assumido uma expressão resolutamente impávida e estava a aproximar-se dos pés da sua cama.

— Desculpe. Estas coisas surgem para nos testar. De quem está à procura? — Intimamente, já tinha tirado as suas conclusões. Tinha de ser, ou a mulher do dentista ou a filha do tenente-coronel Burton. Mais ninguém na enfermaria podia sequer dar-se ao luxo de conhecer alguém que usava aquele tipo de roupa.

— Na verdade, — disse a mulher, olhando de relance para a ficha de identificação presa acima da cama de Izzy, — acho que estou à sua procura.

Mesmo sem saber o que esperar, Gina foi, todavia, apanhada de surpresa pela visão de Isabel Van Asch. Quando estivera deitada na estrada, o seu rosto obscurecido pelo visor do capacete de motociclista, ela tinha-a inicialmente confundido com um homem. Então, a seguir à visita decididamente enervante que recebera da filha, Gina tinha-a imaginado uma mulher forte, um tanto machona, na casa dos quarenta, de cabelo curto e modos agressivos.

Mas a pessoa que estava diante dela naquele momento era inegavelmente feminina. Com os seus expressivos olhos escuros, boca sorridente e um rebelde cabelo preto-azulado a emoldurar um rosto em formato de coração, ela não era, de todo, o que Gina tinha imaginado enquanto estivera a reunir coragem para se deslocar até ali. Parecia mais nova até que a própria Gina, usava uma t-shirt branca, uns calções de ciclista em licra cor-de-rosa choque e não tinha um aspeto minimamente intimidador.

Gina, porém, que tinha aprendido durante os últimos dias difíceis a não avaliar nada nem ninguém pelo aspeto exterior, sentiu-se na mesma intimidada. Arranjar-se na perfeição e encontrar primeiro o hospital certo e depois a enfermaria certa tinha-lhe esgotado completamente as forças. Prestes a perder o sangue-frio, sentou-se na cadeira das visitas vazia de Izzy com um baque.

— Mas eu não a conheço — disse Izzy com um ar perplexo. As sobrancelhas escuras desapareceram debaixo da franja desordenada. Os dedos, com as unhas ainda molhadas com verniz cor-de-rosa, estavam abertos no ar diante dela. Então, com um sinal de desconfiança, disse: — Não é assistente social, pois não?

— Não, não sou — respondeu Gina, tão chocada como se tivesse sido suspeita de prostituição. Por amor de Deus, teria o aspeto de uma assistente social?

Mas agora que o momento tinha chegado, ela não era capaz de encontrar as palavras para se apresentar. E com certeza aquela terrível adolescente já a devia ter descrito à mãe, pensou ela com uma onda de ressentimento.

Isabel Van Asch devia saber quem ela era; estava apenas a extrair o máximo prazer daquele momento embaraçoso.

— Bem, — disse Izzy, extraordinariamente calma, — de qualquer forma é bom ter uma visita, mesmo que seja anónima. — Esticou-se com dificuldade para chegar a uma caixa de chocolates meio vazia que estava na gaveta da mesa de cabeceira e ofereceu-os a Gina. — Quer uma trufa de rum?

— Sou Gina Lawrence — desembuchou Gina, porque alguém tinha de o dizer e a mulher não ia, nitidamente, fazer-lhe esse obséquio.

As sobrancelhas expressivas permaneceram perplexas. Izzy abanou a cabeça e Gina sentiu um vago aroma a perfume caro. Trufas da *Thortons* e *Diorella*, pensou ela sombriamente; lá se ia a história dramática da desabrigada, pobrezinha e miserável que a filha lhe tinha impingido.

— Eu ia a conduzir o carro que colidiu com a sua mota — disse ela, pronunciando cuidadosamente as palavras. Embora o acidente tivesse, indubitavelmente, sido culpa sua, o advogado tinha-a prevenido muito seriamente em relação a admitir o que quer que fosse.

— Ah, certo! — exclamou Izzy com a boca cheia de trufa. Então, para espanto de Gina, estendeu a mão. — Céus, não admira que estivesse tão nervosa quando entrou. Que simpático da sua parte ter vindo visitar-me. Desculpe, eu devia tê-la reconhecido, mas estava um pouco agitada naquela noite. Excetuando as suas pernas, não interiorizei grande coisa. Céus, desculpe, não tinha reparado que as unhas ainda não tinham secado... olhe, tem a certeza que não quer um chocolate?

Estupefacta, Gina abanou a cabeça. — A sua... filha — disse ela de modo balbuciante — foi visitar-me ontem de manhã.

— Ai, sim? — Foi a vez de Izzy ficar boquiaberta. — Por que raios haveria ela de fazer uma coisa dessas? Ela nem sequer mencionou isso ontem à noite.

— Sra. Van Asch — começou Gina. — Ela...

— Senhorita. Não sou casada. Mas, por favor, trate-me por Izzy — disse Izzy, atirando novamente a caixa de trufas para dentro da gaveta. — Mas que estranho. O que queria ela?

— O meu marido deixou-me — disse Gina apressadamente. Pronto, mais um obstáculo ultrapassado. Quando o dizia suficientemente rápido, não a fazia chorar. — E a sua filha disse-me que eu era uma cabra egoísta. Ela disse que, em consequência do acidente, você tinha perdido dois... eh... namorados. Eu não sei realmente porque estou aqui, mas acho que pensei que devia vir falar consigo e pedir-lhe desculpa. E outra coisa que não compreendo, — acrescentou ela num rompante de pura curiosidade, — é como se pode perder dois namorados ao mesmo tempo. O que aconteceu?

— Então ela fê-la sentir-se culpada — refletiu Izzy com um sorriso irônico levantando-lhe os cantos da boca. — Meu Deus, aquela miúda tem um enorme talento para tocar consciências. Ela faz-me exatamente a mesma coisa quando eu fico uma semana sem pendurar a roupa. Ainda assim, — acrescentou ela com ar grave, — ela não devia ter-lhe chamado cabra egoísta. Isso é ir longe de mais. Não se preocupe, eu vou falar com ela acerca disso. E não deve mesmo preocupar-se — acrescentou, inclinando-se impulsivamente para a frente e pousando a mão sobre a de Gina. — Ela, por vezes, pode ser um pouco arrogante, mas não é com intenção. Sabe como são as adolescentes.

Gina sacudiu a cabeça com tristeza. — Não, não sei.

— Bem! — Izzy revirou os olhos. — Deixe-me dizer-lhe que conseguem ser escandalosas! A Kat é um autêntico anjo, mas às vezes quase desejava poder rejeitá-la... como agora. Ela pode ter doze certificados gerais do ensino secundário, mas consegue ainda fazer figura de idiota quando quer. Lamento mesmo que ela a tenha incomodado, Sra. Lawrence. E quando estiver com ela esta noite, prometo que vou dar-lhe umas boas palmadas.

— Oh, mas não é preciso... — interrompeu Gina, apercebendo-se alguns milésimos de segundo demasiado tarde de que a outra mulher estava a brincar. As faces pálidas ruboresceram. — Por favor — corrigiu ela rapidamente. — O meu nome é Gina.

Contudo, ela não tinha enganado Izzy e ambas sabiam disso.

— Fale-me dos namorados — disse Gina, mudando de assunto, e Izzy fez uma careta.

— Tem o seu lado engraçado, penso eu, embora na altura eu estivesse demasiado aturdida para apreciar o humor, e quando me apercebi realmente do que tinha feito, fiquei bastante irritada. Talvez tenha graça daqui a algumas semanas. — Encolheu os ombros, parando para admirar as unhas pintadas, e em seguida traçou as linhas gerais da confusão que tinha culminado na pronta saída de Mike e de Ralph da sua vida.

O plano nada ortodoxo — para não falar na atitude pragmática de Izzy em relação a este — era algo completamente novo para Gina. Ela nunca tinha conhecido alguém assim na vida.

— Não está arrasada? — perguntou ela finalmente.

Izzy fez um ar pensativo. — Acho que sim, mas lamentar-me e choramingar não vai servir-me de muito, pois não? Além disso, a Kat diz que eu só ia ficar cheia de rugas.

— Hum. — Gina, que tinha passado grande parte dos últimos dias a choramingar e a lamentar-se, sentiu uma pontada de culpa. Por aquele andar, ela calculava que tinha sorte de não aparentar ter cento e cinquenta

anos de idade. — A sua filha também me disse que vocês estavam prestes a ser expulsas do apartamento. O que vão fazer quando isso acontecer?

— Bem, — disse Izzy num sussurro confidencial, no momento em que uma enfermeira passou apressadamente por elas, — como eu estou temporariamente sem homem, pensei que já agora bem podia seduzir o meu senhorio. A ver se consigo convencê-lo a mudar aquela velha mente mercenária...

— Estás a brincar? — perguntou Katerina dois dias depois. Ela não sabia se havia de se rir e a expressão no rosto da mãe estava a fazê-la sentir-se decididamente desconfortável.

— Claro que não — respondeu Izzy com entusiasmo. — Achas que eu ia brincar com algo tão sério como a nossa iminente vagabundagem? É perfeito, querida. A resposta às preces de uma mãe desesperada.

— Mas ela é uma bruxa velha!

— Não é nada. — Ao ver o brilho rebelde nos olhos de Katerina, Izzy percebeu que tinha de ser firme. — Ela está apenas a atravessar uma fase difícil. Eu achei espantosamente generoso da parte dela fazer a oferta; e, de qualquer forma, também não temos grande alternativa — lembrou ela rispidamente à filha. — Eu ia perguntar à Rachel e ao Jake se podíamos ficar com eles uns tempos, mas eles não têm espaço, enquanto que a Gina mora sozinha naquela casa enorme e precisa de companhia neste momento...

— E o dinheiro? — perguntou Katerina, exaltada. A ideia de ter de fazer companhia àquela mulher era decididamente arrepiante; ela preferia partilhar um banho quente com Freddie Kruger.

— A renda é de graça no primeiro mês — respondeu Izzy com um ar de triunfo. — E depois será a mesma que temos pago ao Markham. Não é um acordo fantástico? — exclamou. — Sinceramente, onde preferias morar? Em Clapham ou em Kensington? Ou o que ambicionavas era um banco de plástico na estação de metro da Tottenham Court Road?

Como não havia realmente nenhuma resposta satisfatória àquela pergunta, Kat não disse nada.

— Então, aí tens — concluiu Izzy, satisfeita por estar resolvido.

— Continuo a não gostar dela.

— Vamos alugar uns quartos em casa dela, não temos de nos casar com ela! — Exibiu um sorriso impecável ao dentista quando ele passou como um raio na sua cadeira de rodas com a perna partida e engessada espetada perpendicularmente à sua frente. — E como não temos escolha, mais vale aproveitar ao máximo. Querida, quem sabe? Pode ser divertido!

Capítulo 6

Gina não sabia no que se tinha metido. Estava a sofrer de um grave ataque de dúvida, que, de vez em quando, explodia quase em pânico. Como não era pessoa para agir por impulso, não era capaz de entender porque o teria feito desta vez, quando, de qualquer forma, toda a sua vida estava prestes a ficar de pernas para o ar e a última coisa de que precisava era de mais traumas. E embora tivesse tentado atribuir as culpas a Andrew, estava desconfortavelmente ciente de que daí em diante não iria poder fazer isso. Desde a semana anterior, tinha-se tornado relutantemente responsável pela própria vida e já estava a meter-se numa alhada diabólica.

Visitar Isabel Van Asch no hospital tinha conseguido fazê-la esquecer Andrew por uma hora, o que, por si só, era milagroso. Ela tinha ido para apaziguar os vagos remorsos que sentia e tinha-se vindo embora impressionada. Ela nunca tinha conhecido ninguém como Isabel — Izzy — e a novidade da mulher tinha sido uma revelação. Imaginar o que devia ser viver de modo tão descontraído, ser tão despreocupada, tinha-lhe ocupado o pensamento o resto da tarde. Mas como ela não era Izzy, e porque era incapaz de se livrar das próprias preocupações, com o cair da noite também ela tinha caído em depressão. Mulheres como Izzy pura e simplesmente não compreendiam como era não se ser capaz de parar de pensar em desastres, tinha constatado tristemente Gina, uma vez que ela era constantemente perseguida por lembranças de Andrew.

E então, às oito e meia dessa noite, de forma bastante inesperada, Andrew tinha chegado a casa e ela já não tinha precisado de o imaginar mais porque ele estava presente em carne e osso, dolorosamente familiar e ainda mais dolorosamente formal.

— Precisamos de discutir os aspetos financeiros de tudo isto — disse ele a Gina, recusando com uma sacudidela de cabeça a oferta que ela lhe fez de uma bebida e abrindo a pasta com um movimento rápido do polegar. Ele mal a olhava nos olhos e um novo espasmo de dor atingiu-lhe o peito. *Trata disto com indiferença e um sorriso, Izzy Van Asch*, pensou ela ferozmente. Não valia a pena, não era capaz. Quando

era o marido que amava que estava à sua frente, não era humanamente possível.

— Não precisamos de fazer isto — tinha lamuriado ela. — Tu podias voltar. Eu perdoo-te...

No momento em que proferira essas palavras, ela sentira desprezo pela própria fraqueza. E, de qualquer forma, não tinham resultado. Andrew tinha olhado para ela com pena e dado início a um discurso que tinha preparado antes e cuja conclusão era que Gina ia ter de entender que o dinheiro não crescia nas árvores. A casa era dela, herdada dos pais, e ele, naturalmente, não fazia tenção de fazer qualquer reivindicação no que lhe dizia respeito, mas os cartões de crédito já não iam ser favas contadas, sempre à disposição para lhe permitir pequenos prazeres, como mobília nova, férias ao sol ou os últimos fatos de marca.

— Falei com o meu advogado — tinha explicado Andrew, agora mais suavemente. — E eu serei o mais justo possível, mas tenho de te avisar, Gina, não poderei dar-te praticamente nada. Só o aluguer daquele meu apartamento está a custar-me os olhos da cara. E o meu advogado diz que, basicamente, não há razão para tu não conseguires arranjar um emprego...

— Um emprego! — guinchou Gina, horrorizada. — Mas eu não trabalho! O meu trabalho é cuidar do meu marido! Porque tenho de sofrer quando não fiz nada de errado?

Andrew encolheu os ombros. — Lei é lei. Não precisas que eu te sustente. Tens esta casa... O Marvin sugeriu que talvez fosse boa ideia aceitares hóspedes.

A perspetiva era mais que aterrorizadora, era impensável. Quando Andrew tinha — com patente alívio — deixado a casa trinta minutos depois, Gina fizera de tudo para não pensar no assunto. À meia-noite, ela já tinha chegado à infeliz conclusão que fingir que não tinha acontecido não ia fazer o problema desaparecer. A terceira sugestão de Andrew, de ela poder vender a casa, mudar-se para um apartamento pequeno e viver dos juros do dinheiro poupado, estava fora de questão. Ela tinha passado a vida toda ali e o futuro já ia ser suficientemente assustador sem ter de se desenraizar da única casa em que tinha vivido.

Um emprego... a mera ideia provocava-lhe um arrepio de apreensão pelo corpo todo. À exceção de dois anos terríveis passados a saltar de escritório em escritório em busca de um emprego que fosse pelo menos semissuportável, ela nunca tinha trabalhado. Andrew entrara de rompante na sua vida e ela tinha abandonado o tédio das nove às cinco, as políticas de escritório e as pausas de quinze minutos para o chá sem sequer olhar para trás. O alívio tinha sido incomensurável; cuidar de um marido e de uma

casa era a única coisa que sempre ambicionara fazer, para todo o sempre, ámen...

Até a ideia de permitir estranhos dentro de casa — hóspedes, inquilinos, convidados pagantes, chamassem-lhes o que quisessem — era igualmente alarmante. Parando, finalmente, para pensar nessa desagradável opção, Gina serviu-se de um vodka tónico. Afinal, quem não tinha ouvido as histórias de horror de personagens dúbios, fraudulentos, sinistros e por vezes autênticos tarados sexuais que conduziam as suas senhorias a uma falsa sensação de segurança e depois ou fugiam com o conteúdo da casa, ou matavam-nas à facada? Imaginando, com demasiada facilidade, os seus restos mortais enfiados no congelador ao lado da solha *bonne femme*, Gina deu um grande gole na bebida. Depois constatou que estava realmente à beira de um colapso nervoso. A água tónica estava sem gás.

— Continuo a não entender — disse Katerina em tom de desafio — porque está a fazer isto. Porque é que foi visitar a minha mãe e pedir-lhe para irmos morar consigo?

Era uma pena, pensou Gina, que a filha não tivesse herdado a natureza bem-disposta da mãe. Ela dava graças a Deus por a sua casa ser grande.

— Não lhe pedi para virem morar comigo — respondeu ela friamente. — Ofereci-lhe um lugar para ficar e ela aceitou.

Katerina largou o sortido de caixas e de malas em cima da cama estreita e deu uma olhadela rápida ao resto do quarto. Paredes magnólia, cortinas beges e brancas, carpete bege; não muito inspirador, mas excepcionalmente limpo.

— Mas porquê?

Gina decidiu alinhar no jogo dela. — Se queres mesmo saber, foi por puro desespero. Se precisas mesmo de saber, — continuou ela numa voz calma e controlada, — preciso do dinheiro.

— Claro — murmurou Katerina, sem sequer se dar ao trabalho de soar mordaz. Deslocou-se até à janela e olhou, por cima das copas despidas das árvores, para os telhados das casas elegantes que ladeavam a rua e para os reluzentes carros topo-de-gama estacionados em frente destas. A afirmação de Gina de que precisava do dinheiro era tão ridícula que quase dava vontade de rir, mas ela não estava em posição de se rir. E Izzy tinha insistido para que se comportasse.

— Bem, de qualquer forma, obrigada.

— Tudo bem — disse Gina sem graça. — Espero que sejam ambas felizes aqui.

— Sempre fomos felizes — respondeu Katerina simplesmente. — Em todos os sítios onde vivemos.

Então, ao olhar pela janela uma vez mais, viu uma carrinha branca antiga avançando aos solavancos rua abaixo. — Ótimo, ali vem o Jake com o resto das nossas coisas. É melhor eu ir lá abaixo para lhe indicar o caminho de acesso à casa.

— Caminho de acesso à casa — repetiu Gina, empalidecendo ao avistar o vergonhoso veículo sendo conduzido por um homem cujo cabelo era mais comprido que o seu. Marjorie Hurlingham estava a podar a sua forsítia na casa ao lado. Ela rezou para que Jake e a carrinha não fossem demorar.

— Não consigo deixar de estar em choque, isto é fabuloso! — afirmou Izzy mais tarde nesse dia. Ao ver a nova casa pela primeira vez e ao observar, com algum alívio, que as relações entre a filha e a nova senhoria não eram tão más como havia receado, estampou um sorriso no rosto. Katerina tinha obviamente decidido comportar-se, a casa era maravilhosa e tinha um sistema de aquecimento central que realmente funcionava... Eram oito e meia da noite. De perna engessada confortavelmente apoiada sobre o colo de Jake, Izzy continuava a regalar todos com histórias da sua estadia no hospital. Rachel, a mulher de Jake, tinha aberto mais uma garrafa de vinho e estava a cantar alegremente ao som da música que tocava na aparelhagem de som — que parecia ser o único eletrodoméstico pertencente a Izzy. Deitada ao seu lado no chão, Katerina estava a comer passas e a folhear um velho álbum de fotografias, parando de vez em quando para exhibir as fotos mais embaraçosas de Izzy dos tempos de «paz-e-amor».

Gina encarrapitou-se tristemente na borda de uma cadeira. Sentia-se como uma anfitriã que perdera o controlo da própria festa. Como não tinha tido tempo para pensar em Andrew — e o ritual de matutar na vida passada com ele tinha-se tornado confortante, até necessário —, estava a sentir-se um tanto despojada. E Izzy, Katerina e os amigos estavam tão completamente descontraídos na companhia uns dos outros, a rirem, a implicarem e a darem a impressão de estarem totalmente à vontade no quarto de Izzy, que ela se sentia ainda mais uma forasteira. Aquela era a sua casa, lembrou a si mesma, contudo o seu imaculado quarto de hóspedes já estava irreconhecível.

Apesar do cabelo comprido e do brinco de ouro, Jake tinha-lhe parecido extraordinariamente normal; todavia, Gina ficou satisfeita quando ele e Rachel resolveram finalmente ir-se embora. Ele podia ser professor de História num dos maiores politécnicos de Londres, mas ela não conseguia deixar de se indagar o que os vizinhos estariam a dizer da sua terrível carrinha. E agora que estavam de saída, ela podia fazer o mesmo e retirar-se para o santuário do seu quarto. Ficar em paz e pensar no que Andrew poderia estar a fazer, a pensar e a dizer naquele momento...

— Não vá — pediu Izzy, rolando de lado e esticando-se toda para tentar alcançar a garrafa de vinho meio vazia. — Droga, não consigo! Kat, faz as honras, está bem, querida? Enche o copo da Gina até ao topo. Gina, não esteja tão nervosa! Vá, relaxe.

Relaxar não era coisa fácil para Gina, especialmente quando recebia instruções para isso. As pernas estavam coladas uma à outra e ela não sabia o que fazer com as mãos. Olhando de relance para o relógio, disse: — Eu devia mesmo...

— Não, não devia — disse inesperadamente Katerina. Entregando a bebida a Gina, acrescentou: — Está com muito melhor aspeto do que quando a vi da última vez, mas continua nervosa. Porque não conta à minha mãe o que aconteceu com o seu ex-marido? Ela é espetacularmente boa a animar as pessoas.

Katerina ainda não tinha perdoado Gina pelo egoísmo da semana anterior, mas sentia-se também ligeiramente envergonhada do próprio comportamento naquele dia. Aquela era a sua forma de contrabalançar.

— Claro que sou, sou fantástica — disse Izzy com um brilho nos olhos escuros. — Conte-me tudo, todos os pormenores. É tão injusto que os homens sejam uns sacanas tão grandes, não é? Por que diabo continuamos a apaixonar-nos por eles?

— ...ele era o meu mundo — sussurrou Gina quinze minutos depois. Inexplicavelmente, o seu copo de vinho estava vazio. Os pés estavam enfiados debaixo dela. — Quando nos casámos, eu pensei que íamos construir uma família, mas o Andrew disse-me que não precisávamos de filhos para sermos felizes porque nos tínhamos um ao outro. Depois disso, sempre que eu falava nisso, ele dizia apenas que não queria filhos... ou porque eram demasiado dispendiosos, ou demasiado monopolizadores do nosso tempo, ou porque ele precisava de conseguir concentrar-se na carreira... e se eu ficava aborrecida, ele comprava-me um lindo colar ou levava-me de férias... eu queria tanto um bebé, mas ele conseguia sempre convencer-me que estava certo. E agora, — concluiu ela desesperadamente, — ele engravidou uma mulher e mudou de ideias. Então estou sozinha, sem marido nem família e é demasiado tarde para resolver isso. Já sou muito velha para ter filhos... não tenho nada... foi tudo um desperdício...

Izzy, que tinha estado a ouvir com muita atenção, fez um ar perplexo. — Desculpe, — disse ela de sobrolho franzido, — mas não concordo consigo. Ele foi um merdoso, nesse ponto estamos de acordo, mas porque, exatamente, é que o seu casamento foi um desperdício?

— Porque agora não tenho marido nem filho — disse Gina, fungosa, com uma ponta de irritação. — Se ele me tivesse dito há dez anos que iria

acabar por me deixar, eu podia ter reduzido os prejuízos e casado com alguém que quisesse construir uma família.

Izzy franziu ainda mais o sobrolho. — Mas você só tem trinta e seis anos.

— Exatamente! Quanto tempo vai ser preciso para eu sequer sentir vontade de procurar outro homem? Quanto tempo vai ser preciso para eu encontrar alguém que queira casar? Não é justo — disse Gina a fungar, lágrimas brilhando-lhe nos olhos. — Nessa altura já será tarde de mais, serei demasiado velha.

— Que disparate! — explodiu Izzy, sentando-se subitamente e entornando metade do vinho em cima do colo. — Se quer assim tanto um bebé, pode ter um. Ninguém vai impedi-la!

Gina indagou-se por um instante como seria ser-se Izzy, viver tão despreocupadamente e com total indiferença pelas convenções que tinham dominado a sua própria vida.

Mas era um salto demasiado grande, mesmo depois de três copos de vinho.

— Você não compreende — disse ela, defensivamente, baixando a cabeça. — Eu não seria capaz de fazer isso. Não é o tipo de coisa com que fosse capaz de lidar sozinha.

— Mas você não sabe isso — argumentou Izzy, esforçando-se por frear a sua paciência natural. — Você apenas acha que não seria capaz de lidar... aposto quanto quiser que assim que as coisas começassem a acontecer, você as fazia com muita facilidade.

— Não vale a pena, não sou esse tipo de pessoa — respondeu Gina, agora desafiadora mas ainda à beira das lágrimas. Não valia mesmo a pena; ela tinha tido esperança de que algum do otimismo de Izzy pudesse passar para si, mas só conseguia sentir-se intimidada. As suas personalidades e as suas atitudes perante a vida eram demasiado diferentes. Levantando-se um tanto desequilibradamente, disse: — Vou deitar-me.

Igualmente frustrada com a incapacidade de Gina para perceber que o que tinha estado a tentar dizer fazia todo o sentido, Izzy olhou para as horas. — São só dez horas. Fique e beba mais um copo, por favor...

— Vou para o meu quarto — interrompeu Katerina de modo prestável. — Tenho dois ensaios para concluir.

— Não, não — disse Gina, perguntando-se no que se teria metido. O quarto de hóspedes estava com um aspeto e com um ambiente diferentes (até o cheiro era diferente, graças às velas aromáticas de Izzy), e agora ela estava a começar a sentir-se como uma refém. Tudo não tinha passado de um erro terrível e impetuoso, que só servia para sublinhar a imensidão do abismo que as separava. Ela pura e simplesmente não tinha nascido para

ser impulsiva e diabos a levassem se alguma vez voltaria a sê-lo. — Estou cansada — concluiu, não se atrevendo sequer a olhar para os cucos que tinham invadido o seu ninho por estúpida instigação sua.

— Ok — disse Izzy, admitindo derrota. Depois animou-se, porque era apenas uma derrota temporária. — Afinal, não há pressa. Voltamos a falar nisto amanhã.

Capítulo 7

— Então, como vão as coisas em casa? — perguntou Simon quando Katerina tirou uma pilha de manuais escolares de cima da cadeira ao lado da sua e se sentou pesadamente com um suspiro. Era hora de almoço e a sala de convívio do sexto ano, repleta de burburinho, parecia mais uma festa cocktail em plena atividade. Entregando-lhe a sua lata de *Coca-Cola* meio vazia, admirou de novo os dedos esguios e hábeis de Katerina e a capacidade dela para ter uma aparência tão espetacular mesmo após três horas rigorosas no exame de Física. Depois de ter idolatrado Katerina Van Asch em silêncio durante os anos passados juntos na escola secundária de King's Park, conhecê-la realmente e acabar por tornar-se o seu melhor amigo significava mais para ele do que qualquer outra coisa no mundo. Se não tivesse sido Kat, ele teria deixado a escola há um ano e meio; tinha sido ela quem o convencera a ficar e a estudar para os exames de ingresso ao ensino superior, e ele ser-lhe-ia eternamente grato por isso. Ele tinha uma vaga suspeita de que desistir de prosseguir com os estudos para deambular pelo país como baixista numa banda de rock podia, afinal de contas, não ter sido tão divertido como havia inicialmente imaginado.

Todavia, ele estava fascinado pelo bizarro estilo de vida de Katerina, maravilhosamente boémio aos seus olhos e o mais afastado possível da educação sedentária que ele tinha tido. Viver numa casa geminada em Wimbledon com um pai gerente bancário, uma mãe dona de casa e duas irmãs mais novas chatíssimas não era exatamente entusiasmante.

Katerina, cuja mãe não lhe ralhava para tirar os pés de cima da mobília, já que a própria mãe o fazia, pendurou as pernas compridas no braço da cadeira e abriu um pacote de batatas fritas.

— Como vão as coisas em casa? — repetiu ela pensativamente. — Bem, não vão lá muito bem. A triste Gina parece que não consegue falar sobre outra coisa que não seja o marido, a minha mãe está decidida a animá-la e eu mantenho-me afastada o máximo de tempo possível. A notícia verdadeiramente má é que as nossas quatro semanas de renda grátis estão a terminar e a perna da minha mãe ainda está engessada. Quando a deixei

esta manhã, ela estava a examinar minuciosamente o *The Stage*, mas como é que ela pode arranjar emprego no estado em que está?

— A Elizabeth Taylor fez o *The Little Foxes* numa cadeira de rodas...
— começou entusiasticamente Simon, mas Katerina refreou-o com um olhar fulminante.

— Isso foi a Elizabeth Taylor, isto é o mundo real.

— Então, o que vais fazer? — insistiu ele, encantado com a forma despreocupada como ela estava a aceitar a situação.

Ela fez uma pausa, pensou na pergunta dele por momentos e depois encolheu os ombros e disse: — Acho que vou ter de arranjar um trabalho. Algo no final da tarde que pague bem e que não interfira demasiado com o meu trabalho de casa. Senão, sempre posso arranjar um novo homem ofuscantemente rico.

Ela sorriu subitamente e atirou o pacote de batatas vazio para dentro do balde do lixo. — Isso é que era uma ótima ideia. Eu podia ser a enteada dedicada. Eu daria uma ótima enteada, não achas? E quanto mais dinheiro ele tivesse, mais dedicada eu seria...

Preocupado, Simon disse: — Estás a brincar.

— Claro que estou a brincar. — Com um uivo de desespero, ela fingiu atirar a lata de *Coca-Cola* à cabeça dele. — Por amor de Deus, quem precisa de homens? Agora para de te armares em conselheira sentimental e conta-me tudo o que sabes sobre o bolbo raquidiano. Hoje à tarde é Biologia Humana e eu tenho um ensaio para terminar.

Simon fez um sorriso rasgado. — Pensei que não precisavas de homens.

— E não preciso — respondeu Katerina rispidamente. — Preciso apenas de informação. Além disso, tu não és um homem. És um rapaz.

Raios, pensou Sam Sheridan quando desligou finalmente o telefone no Heathrow e constatou que ele e a sua bagagem tinham algumas horas de espera antes de partirem juntos para Kingsley Grove. Andrew não estava no escritório, ninguém atendia de casa e o *jet lag* estava já a ameaçar instalar-se, o que, provavelmente, era bem feito, mas que não tornava as coisas mais fáceis de suportar. Se tivesse antes dormido no avião em vez de ter encetado conversa com uma advogada bastante enérgica, mas decididamente atraente, não estaria naquele momento a sentir-se tão cansado.

Mas Gina era uma criatura de hábitos, garantiu a si mesmo, olhando para o relógio que tinha acertado quando o avião se tinha aproximado do final da sua viagem transatlântica. Quase quatro horas e era mais que certo que ela devia regressar a casa brevemente para preparar o jantar. Se apanhasse um táxi, poderia lá chegar por volta das cinco, a tempo de a impedir

de o fazer. Então, depois de dormir um par de horas, podia levá-la a jantar fora para comemorar o seu regresso. Seria fantástico rever Andrew após quase seis meses fora. E quanto a Gina... bem, provocar e chocar a inibida e tão suscetível Gina sempre tinha sido um dos seus passatempos favoritos...

Raios, pensou Izzy, entrando desesperadamente aos pulos na sala de estar e olhando furiosamente para o telefone agora em silêncio. As pessoas não percebiam quanto tempo mais levava uma pessoa de perna partida a chegar à sala onde estava o telefone, quanto mais a conseguirem realmente pegar no auscultador? E haveria coisa mais frustrante no mundo do que não conseguir descobrir quem estava do outro lado da linha?

Atirando uma almofada à máquina ofensiva — e falhando por quase um metro —, deixou a imaginação correr livre durante uns segundos. Afinal, um único telefonema era potencialmente capaz de mudar vidas inteiras.

Podia ter sido Andrew Lloyd Webber a implorar-lhe para aceitar o papel principal no seu último mais espetacular musical. Podia ter sido Doug Steadman, o seu agente, a ligar para lhe dizer que havia um produtor americano interessado nela — e só nela — para substituir Shirley MacLaine num espetáculo da Broadway. Podia ter sido — podia realmente ter sido... — um vendedor a ligar para lhe fazer uma oferta fabulosa sobre vidros duplos...

— Raios — repetiu Izzy, desta vez em voz alta. Deu meia-volta e dirigiu-se à entrada, pegando no casaco e na mala *en route*. Já que estava no piso térreo, bem podia exercitar a perna saudável e dar um pulo até às lojas antes que fechassem. Como tinha, irrefletidamente, prometido fazer o jantar a Kat e Gina naquela noite, talvez fosse boa ideia comprar algo comestível. Ela tinha um pressentimento de que Gina poderia estar à espera de algo mais substancial do que torradas com tomate enlatado.

Através da janela lateral do táxi, Sam observou com um interesse passageiro a rapariga de cabelos escuros e minissaia amarela que caminhava, bamboleante, pelo passeio apoiada em muletas. As pernas, uma envolta em gesso e a outra escultural e coberta com uma meia preta, eram o que tinha captado imediatamente a sua atenção. Mas naquele momento, em que o táxi chegava ao fim de Kingsley Grove e parava, ele viu de relance o rosto da rapariga sob a luz alaranjada do candeeiro de rua e ficou mais impressionado. Por um breve segundo, quando ela parou para procurar as chaves no bolso do casaco, os seus olhares cruzaram-se. Olhos escuros, boca larga, cabelo encaracolado repleto de saca-rolhas e um ar indefinível... de vitalidade e humor e... atrevimento... provocaram, algures dentro dele, um clique. *Jet lag* milagrosamente esquecido, Sam sorriu para ela sem sequer se dar conta

de que estava a fazê-lo, mas era demasiado tarde. A rapariga tinha virado costas.

Então, enquanto a observava, ela avançou — coxeante, mas muito resolutamente — em direção à casa de Andrew e Gina.

Cada vez melhor, pensou ele, puxando as malas para fora do táxi e enfiando notas na mão do taxista. Poucos segundos depois já a tinha alcançado na soleira da porta. — Olá — disse Sam, exibindo-lhe um sorriso fabuloso que, desta vez, era impossível ela não ver. — Bem, não sei quem você é, mas o seu *timing* é perfeito. Pensei que a esta hora a Gina já estivesse em casa. — Fez um gesto na direção das janelas escurecidas. — Mas, obviamente, não está. E por azar perdi a minha chave de casa.

A rapariga, que retribuiu o olhar mas não o sorriso, não disse nada. Apercebendo-se do erro (devia estar mais desgastado da viagem do que calculava), Sam disse: — Desculpe, quão rude da minha parte. Nem sequer me apresentei. Sou...

— Sei exatamente quem você é — interpôs rapidamente Izzy, pensando ao mesmo tempo que o homem tinha uma lata colossal. Olhando de relance para as malas que enchiam a entrada da porta, disse: — A Gina não me disse nada. Falou com ela? Ela está à sua espera?

Apanhado de surpresa pela pouco promissora brusquidão, Sam encolheu os ombros e disse: — Bem... não, não exatamente. Tal como eu já disse, ela não estava quando eu telefonei. Mas ela não se vai importar, se é com isso que está preocupada. Após quinze anos, ela está perfeitamente habituada à minha...

— Tenho a certeza que sim — retorquiu Izzy, interrompendo-o pela segunda vez e decidindo que já estava mais do que na altura de alguém dizer a Andrew Lawrence precisamente o que achava dele e do seu comportamento diabólico. Como não tinha visto qualquer fotografia, ela tinha imaginado um homem ligeiramente mais velho e totalmente menos descontraído, do tipo que preferia fatos listrados em vez de blusões de pele gastos e *Levi's* antigas, mas até à meia-luz ela era capaz de ver que ele era, sem dúvida, muitíssimo atraente e charmoso. Só homens com aquele particular grau de charme indolente e inato é que podiam fazer o que ele tinha feito e esperar não sofrer as consequências. E só um homem com uma completa falta de humildade podia estar à espera de voltar para casa e ser perdoado, assim sem mais nem menos, pensou ela sombriamente.

— Oh, sim, tenho a certeza que ela está — repetiu Izzy, encostando-se à parede de pedra fria do alpendre e deixando cair, com grande determinação, a chave da porta de casa para dentro do bolso. — Mas isso não significa que ela tenha de continuar a aturar isso. Ela pode ter medo de mais de o ofender para lhe dizer que fez um belo trabalho a estragar a vida dela, mas

eu não tenho. Olhe, — disse ela subitamente ao constatar que o marido de Gina não tinha a mínima intenção de demonstrar remorso, — não lhe ocorreu nem por um segundo que a Gina podia não o receber de braços abertos quando lhe aparecesse à porta?

— Para ser sincero, — disse Sam, indagando-se que diabo estaria a acontecer, — não.

— Bem, já era de se esperar, não era? Você é mesmo incrível!...

— Eu estou mesmo muito cansado. — Ele já estava a começar a perder a paciência. — Olhe, porque não me diz exatamente o que supostamente eu terei feito de errado? Então, quando já não tiver esse peso no peito, talvez possa apresentar-se. Não, esqueça isso. Diga-me primeiro quem é e deixe-me decidir se devo ou não dar-me ao trabalho de a ouvir. Mas onde raios estão a Gina e o Andrew? Se não regressarem a casa esta noite, poupe-lhe o trabalho e vou procurar um hotel.

— Oh, merda. — Horrorizada, Izzy olhou fixamente para ele e depois descaiu lentamente encostada à áspera parede de pedra. Alguma vez chegaria o dia em que não andasse por aí a dizer precisamente a coisa errada, precisamente à pessoa errada, da pior forma possível?, indagou-se.

— Olhe, eu vou-me embora — disse Sam, irritado. Virando-se para partir, acrescentou: — Se não for demasiado trabalho, talvez pudesse dizer-lhes que eu telefonei.

Agarrando-lhe tão rapidamente no braço que quase perdeu o equilíbrio e caiu, Izzy disse: — Por favor, desculpe. Cometi um erro terrível. Entre.

Naquele momento, Sam estava quase certo de que era ele quem tinha cometido o terrível erro. Aquela atração inicial, quase instantânea, tinha dado um vigoroso passo atrás. Aquela mulher não era apenas rude, pensou, olhando para os dedos frios dela em redor do seu pulso, era francamente esquisita.

— Por favor! — implorou Izzy, lendo o pensamento dele e enfiando apressadamente a chave na fechadura. — Eu não sou louca, mas até explicar tudo, é impossível você entender. Olhe, deixe-me ajudá-lo a despir o casaco. O que gostaria de tomar?

— Sente-se — ordenou Sam com firmeza, conduzindo-a até à sala de estar, acendendo as luzes pelo caminho e atirando o blusão para cima do sofá imaculado de Gina. Encheu dois copos com whisky, entregou um à louca obedientemente sentada e instalou-se na poltrona em frente. — Bem, talvez devêssemos recomeçar. Desta vez, como deve ser e sem recorrer a uma troca de insultos. É um prazer conhecê-la, menina...

— Van Asch — murmurou Izzy, grata por ele ter assumido o comando e por não parecer ter levado muito a peito os seus insultos. — Izzy.

— Muito bem. — Ele anuiu com a cabeça e esboçou um sorriso. — Tem cara de Izzy. E o meu nome é Sam Sheridan.

— Olá, Sam Sheridan.

— E quem é que você achava que eu era?

— O marido da Gina — confessou ela, os olhos castanhos arregalados enquanto sondava o rosto dele em busca de uma reação. Então, apressadamente, acrescentou: — Assim que você falou neles, eu percebi que não sabia. Eles separaram-se. O Andrew saiu de casa há umas semanas e a Gina está completamente desesperada.

— O que aconteceu? — perguntou Sam, já sem o sorriso. Ele podia imaginar o efeito que a partida de Andrew devia estar a provocar em Gina. A vida dela tinha girado toda em volta dele.

— Ele conheceu outra pessoa — explicou Izzy. — E ela está grávida. Estão a viver juntos no Barbican. — Calou-se por instantes, de sobrolho franzido, e disse: — É amigo, ou é da família?

Sam deu um gole na bebida. — Amigo. Um velho amigo.

— Do Andrew?

— Sim. — Encolheu os ombros. — Na verdade, de ambos. Fui padrinho no casamento deles. Quando, há seis anos, me mudei para os Estados Unidos, deram-me uma chave da casa. Sempre que volto, fico aqui. Céus, — abanou a cabeça, incrédulo, — a Gina deve estar a comer o pão que o diabo amassou.

— O Andrew devia tê-lo avisado — disse Izzy. Enquanto ele estava ocupado com outra coisa, ela aproveitou a oportunidade para observar aquele surpreendentemente atraente «amigo da família», acerca de quem, até ao momento, nunca tinha ouvido falar. Para início de conversa, o bronzeado, associado àqueles hipnotizantes olhos cinzentos-esverdeados, teria, por si só, sido suficiente para impressionar seriamente. Mas Sam Sheridan não parava por aí; o cabelo, com madeixas aclaradas pelo sol, era suficientemente longo para ser interessante, ao mesmo tempo que, em contraste, as sobrancelhas eram escuras e maravilhosamente expressivas. A boca era perfeita. E quanto ao resto do corpo... Como se havia encontrado numa espécie de limbo sexual recentemente, era uma mudança agradável poder admirar uma tão boa aparência. Podiam não ter começado da melhor maneira, pensou ela alegremente, mas quem sabia o que poderia acontecer se Sam Sheridan se mudasse para o que Kat tinha por hábito chamar de «Convento de Freiras»?

— Estive no Havai durante o último mês — disse ele. — Talvez ele tenha tentado entrar em contacto comigo e não tenha conseguido. — Olhou uma vez mais para Izzy e disse: — Mas continuo sem saber quem você é.

Assim estava melhor, decidiu Izzy, passando descontraidamente

os dedos da mão livre pelos caracóis desgrenhados. De repente, sorriu abertamente.

— Moro aqui. Somos as novas inquilinas da Gina.

— Somos?

— Eu e a minha filha, Katerina. Mas somos umas donas de casa quase perfeitas — acrescentou, quando viu a expressão de alarme dele. — E não é preciso entrar em pânico, tenho a certeza que esta casa é suficientemente grande para acolher mais um.

Ela era mais velha do que ele pensara inicialmente, uma mulher e não uma rapariga. Embora calculasse que ela devesse andar pela casa dos trinta, Sam continuava a achar extraordinariamente difícil imaginá-la como mãe. Ela não tinha aspeto de mãe. Além disso, por muito que gostasse de crianças — em doses comedidas —, não tinha de todo a certeza de querer partilhar uma casa com uma pirralha aos gritos que, sem dúvida, se levantaria a horas impróprias da manhã, precisamente quando ele mais precisava de estar a dormir.

— Não sei — disse ele, olhando para o relógio. — Agora que a situação mudou, acho realmente que talvez seja melhor eu ficar num hotel.

Nesse momento, ouviram a porta da frente abrir e fechar e os saltos altos de Gina atravessarem o hall.

— Fale com ela — disse Izzy, pegando nas muletas e levantando-se. — Tenho a certeza que ela vai querer que fique. Se precisar de mim, — acrescentou com um sorriso provocador por cima do ombro, — estarei na cozinha. Não é vegetariano, pois não?

— Não. — Ela era realmente esquisita, decidiu Sam. Linda, mas decididamente esquisita. — Porquê?

— Vou fazer um *stroganoff* — explicou Izzy pacientemente. — E como é responsabilidade sua estar atrasada, o mínimo que pode fazer é arcar com as culpas e ficar para jantar.

Capítulo 8

— Oh, Sam, como é que ele pôde fazer-me uma coisa destas? — disse, uma hora depois, Gina a fungar, tentando secar os olhos esborratados de rímel com um lenço encharcado, mas sabendo que o pior das lágrimas já tinha passado. Envergonhada por ter tido uma crise de choro em frente dele, mas, simultaneamente, imensamente confortada com a sua presença, ela constatou de novo o bom amigo que ele tinha sido para ambos ao longo dos anos. Ela sempre tinha gostado das visitas dele, mas desta vez a sua chegada era precisamente do que ela precisava. Sam, que era capaz de alegrar qualquer pessoa com maior eficácia do que qualquer outra pessoa que ela conhecia, estava do seu lado. E saber disso fortaleceu-a mais do que ela imaginara possível.

— Os homens — disse Sam, levantando-se, — são famosos por não saber o que é melhor para eles. Querida, vou só ver como se está a sair a Izzy. Aquele *stroganoff* cheira maravilhosamente e eu estou a morrer de fome.

— Não fiques muito entusiasmado — disse Gina, irritada. — A cozinha não é o ponto forte da Izzy. A refeição mais ambiciosa que ela já fez até agora foi sanduíches de douradinhos de peixe.

— Tu não és a Izzy — disse Sam, ao entrar na cozinha repleta de vapor e começando a sentir-se um tanto surreal. Uma rapariga alta, de cabelos castanho-xerez gingando por altura dos ombros, estava à mesa a tirar batatas salteadas de uma frigideira para um prato azul raso. Ela ergueu os olhos, nada surpreendida com a invasão.

— Sou a Kat. A mãe está lá em cima a tentar tomar um banho. O jantar está pronto dentro de cinco minutos. — Calou-se por alguns instantes e depois acrescentou delicadamente: — Você parece confuso.

— Eu estou confuso — disse Sam, passando uma mão pelos cabelos e abanando em seguida a cabeça. — Estava à espera que tivesses para aí uns cinco anos. No máximo.

Ela sorriu, tapou o prato de batatas salteadas e colocou-o no forno. — Sou madura para a minha idade. Como está a Gina?

— Desanimada, mas vai sobreviver. Foste tu que fizeste isto tudo?
— Profundo apreciador da boa comida caseira, inclinou-se para a frente para observar mais atentamente o *stroganoff* no qual ela estava agora a misturar natas.

— Não é difícil — disse Katerina. Depois acrescentou ironicamente:
— A não ser que seja a minha mãe.

— Bem, estou impressionado. Tinha planeado levar a Gina a jantar fora esta noite, mas agora estou contente por não o ter feito. O que és tu, uma chefe de cozinha profissional?

— Ela é uma estudante profissional — disse Izzy, que tinha estado a observá-los da porta. De faces rosadas do banho, envergava agora um fato de treino branco e os cabelos escuros caíam em cascata até abaixo dos ombros. À parte do facto de o casaco do fato de treino estar aberto para revelar um decote nitidamente adulto, ela parecia absurdamente jovem. — Então, qual é o veredito? — continuou ela num tom descontraído, embora os olhos estivessem com um brilho desafiante. — Vai ficar ou a ideia de partilhar uma casa com três mulheres neuróticas é demasiado forte para si?

— Objeção — interrompeu Katerina calmamente. — Duas mulheres neuróticas e uma estudante extremamente sensata.

— Isso tudo — murmurou Sam, passando uma vez mais os dedos pelo cabelo, — e também o *jet lag*.

Sam Sheridan não tinha chegado até ali ignorando nem subestimando as mulheres. Tendo crescido a observar silenciosamente o irmão Marcus — uns úteis quatro anos mais velho que ele — concluir a muito custo o ensino obrigatório e o universitário, causando estrago com o sorriso deslumbrante e as excelentes técnicas de sedução e provocando confrontos igualmente dramáticos sempre que se cansava das namoradas e as largava sem qualquer cerimónia, Sam tinha-se apercebido gradualmente de que o irmão nem sequer gostava assim tanto do sexo oposto. As raparigas serviam para ir para a cama. Eram tema de conversa, mas não se conversava com elas. Para Marcus, não passavam de acessórios. E, como os cigarros, depois de acabar com elas, apagava-as da memória. Sam, por outro lado, nunca tinha considerado as raparigas uma chatice e à medida que ia crescendo, ia achando as atitudes do irmão para com elas cada vez mais difíceis de entender. Ele gostava genuinamente da sua companhia e achava-as tão interessantes para conversar quanto os homens. Depois, como é óbvio, havia também a atração acrescentada da química sexual...

Mas, milagrosamente, Sam nunca se deparara com os problemas que tanto tinham complicado a vida de Marcus. Pois embora tivesse muitas raparigas amigas que não eram namoradas, o seu charme natural e a imensa

popularidade durante aqueles anos de escolaridade eram tais que o prestígio associado ao facto de se ser uma das «amigas-não-namoradas» de Sam tinha quase suplantado o outro tipo, simplesmente porque as namoradas eram algo de esperar, enquanto que amizade sem sexo era indicativo de que se tinha uma personalidade que valia realmente a pena conhecer.

E como Sam sempre tinha feito questão de manter uma boa relação com as ex-namoradas, era praticamente impossível gerar rancores. Ele desfrutou antes de três anos extremamente felizes na universidade, concluindo com uma ótima média em Economia e um vasto círculo de amigos de ambos os sexos, nenhum dos quais capaz de imaginar Sam Sheridan a manter um emprego em qualquer tipo de instituição financeira onde a sua licenciatura pudesse ter alguma utilidade prática.

Mas, apesar da sua natureza pacata, Sam tinha — sem o conhecimento dos seus pares — descoberto a resposta às suas necessidades, que era o acesso a um bom padrão de vida associado ao indescritível prazer do constante convívio social. As festas de fim de semana que dera na casa vitoriana a cair aos bocados que tinha alugado com outros três estudantes haviam sido lendárias. Naturalmente uma pessoa da noite, Sam divertia-se em grande; as festas tornavam os dias de semana suportáveis e a emoção de nunca saber quem poderia aparecer na festa seguinte — a amiga suíça por correspondência da irmã de alguém, ou a tia atriz do colega de apartamento de outrem — punha-lhe sempre a adrenalina a correr nas veias. Em três anos, nunca tinha dado uma festa que não fosse um sucesso. Em três anos, tinha-se tornado famoso por dar festas espetaculares onde as pessoas se conheciam, discutiam, debatiam, riam e se apaixonavam umas pelas outras. Algumas tinham mesmo ultrapassado as expectativas e posteriormente casado.

Mas era a arte de criar o ambiente perfeito no qual qualquer um destes eventos podia ser realizado que tinha prendido realmente a imaginação de Sam. As pessoas gostavam de se divertir e era ele quem tornava isso possível. E ele não conseguia deixar de se indagar se seria possível haver maneira melhor de passar o resto da até então feliz e absurdamente encantadora vida.

Contudo, não tinha sido fácil. Convencer os bancos a emprestar-lhe dinheiro tinha exigido muito mais agilidade intelectual do que os exames finais; alguns dos seus acordos financeiros tinham sido francamente duvidosos e, quando tinha arrendado o primeiro local, alguém do desejável, em Manchester, tinham-se seguido atos de malabarismo semanais para conseguir pagar às companhias financeiras e ao seu próprio pessoal. Depois, quando a notícia da abertura da mais recente discoteca começara a espalhar-se, manter o necessário equilíbrio entre a clientela desejável e a

indesejável de dinheiro na mão, punha ocasionalmente à prova a perseverança de Sam. Mas, acima de tudo, desde o início ele sabia que a sua discoteca tinha de manter uma imagem impecável. Não havia necessidade de a clientela ser podre de rica; era simplesmente imperativo que fosse constituída pelo tipo certo de pessoas, pessoas que contribuíssem para o ambiente muito particular de que ele precisava para garantir que a The Steps se tornasse, e se mantivesse, o lugar mais desejável para as pessoas frequentarem e serem vistas a divertir-se.

E, embora inicialmente não sem muita luta, foi isso que aconteceu. A reputação de Sam cresceu e no espaço de dois anos comprou as instalações. Dezoito meses depois disso, tinha vendido a discoteca com um lucro surpreendente, tinha-se mudado para Londres e descoberto, para seu alívio, que mesmo que as ruas não fossem pavimentadas a ouro, tinham ainda assim pessoas mais do que suficientes desesperadas pelo seu tipo particular de discoteca para transformar a The Chelsea Steps num sucesso muito maior do que ele imaginara possível.

O seu círculo de amigos tinha-se alargado. O número de mulheres apaixonadas por ele — secretamente ou não — aumentado. Os homens, cientes da reputação de Sam Sheridan, preparavam-se para antipatizar com ele e, depois de o conhecerem, fracassavam prontamente. Sam era genial, charmoso, pacato, capaz de conversar acerca de qualquer assunto com entusiasmo e nunca perseguia as mulheres nem as namoradas dos outros.

Isso, em particular, tranquilizava imensamente os homens. E animava ainda mais as raparigas solteiras. E o desafio irresistível que ele representava para as mulheres que estavam interessadas — e com quem Sam se recusava firmemente a envolver-se — era indescritivelmente estimulante e só as fazia querê-lo ainda mais.

A fórmula tinha sido vencedora e Sam mantivera-se sabiamente fiel a ela. Quando, seis anos antes, ele tinha anunciado a intenção de abrir uma nova discoteca em Nova Iorque, os amigos tinham ficado horrorizados. Todos o haviam alertado para o risco financeiro de tal empreendimento, mas, ainda assim, ele tinha ido em frente e entregado as rédeas da The Chelsea Steps ao subgerente, Toby Madison, e estabelecera a meta de um ano para levar ao sucesso ou à desgraça o tão acalentado sonho americano.

E, tratando-se de Sam, tinha sido bem-sucedido onde todos haviam receado que fracassasse. The New York Steps, fundada precisamente na altura certa e exatamente no lugar certo, tinha resultado desde o início. O círculo de amigos internacional expandiu-se ainda mais e o seu sucesso, aparentemente fácil, seguiu o exemplo. Ninguém sabia muito bem como Sam Sheridan conseguia, mas funcionava. E o próprio Sam, que tratava tudo como uma piada privada e vivia a vida ao máximo, parecia nunca

dormir e fazia questão de garantir que extraía a maior diversão possível das suas férias prolongadas na América.

Mas embora Nova Iorque fosse mágica, fantástica e, de facto, o seu tipo de cidade, não era a sua casa. Nos últimos anos as suas viagens de regresso a Inglaterra tinham-se tornado insuficientes e crescido gradualmente em importância. Quando ele tinha começado a sonhar — a sonhar realmente — com chuva inglesa e com raparigas sem almofadas nos ombros, torradas com *Marmite* e pessoas que nunca tinham ido a um psicólogo na vida, percebeu que tinha chegado a hora de regressar a casa.

Entretanto, de volta à sala de jantar de Gina, o interesse cada vez maior de Izzy por Sam estava a ser vigiado por Gina com uma ansiedade a tocar as raías da consternação. O jantar ainda nem sequer tinha terminado e os dois já conversavam descontraída e harmoniosamente.

Bebendo o seu vinho, ela olhou fixamente, por cima da mesa iluminada por velas, para Izzy, que estava notoriamente a divertir-se. E parecia estar a fazê-lo de forma tão natural, pensou Gina com ressentimento. Céus, ela estava positivamente a brilhar! Ela teria demorado anos a conhecer alguém o suficiente para lhe fazer o tipo de perguntas que Izzy estava a fazer passadas apenas algumas horas.

— Mas como podes ter passado seis anos em Nova Iorque e não teres casado? — perguntava Izzy naquele momento, arregaçando as mangas e apoiando os braços morenos na mesa. Tirou distraidamente uma fatia de curgete do prato de vegetais e parou para a admirar antes de a enfiar na boca. — Toda a gente se casa em Nova Iorque.

— Se calhar sou gay. — As sobranceiras escuras de Sam arquearam-se com diversão.

— Mas não és.

— Mãe — disse Kat num tom de repreensão. — Não sabes isso. Para de ser embaraçosa.

— Claro que ele não é gay — disse Izzy com um gesto de impaciência. — Então, Sam, conta-nos tudo. Deixaste Nova Iorque por causa de uma mulher? Era amor verdadeiro? Era sórdido? Ela era demasiado rica ou demasiado pobre? Ela era...

Prestes a dizer «casada», ela parou mesmo a tempo por respeito aos sentimentos de Gina. Prevendo o que ela queria dizer e colmatando facilmente a lacuna, Sam disse: — Ela era definitivamente persistente. Na verdade, o sonho de qualquer pescador. Do tipo que não desiste.

— Metediça — comentou Izzy, servindo-se de mais uma fatia de curgete. Depois sorriu. — Eu não era capaz de ser assim.

— Minha mãe — disse Katerina com um suspiro. — A verdadeira mosca-morta.

— Não quero que isto pareça engraçado — começou Gina, entrelaçando os dedos e fazendo um ar decididamente desconfortável.

— Nesse caso, — respondeu inexpressivamente Izzy, — não me rirei.

Conhecendo Sam ao tempo que conhecia, Gina estava demasiado ciente da sua reputação no que dizia respeito às mulheres. Perante a sua presença aparentemente irresistível, elas esqueciam-se simplesmente de como dizer não. E agora ela estava prestes a ver tudo começar de novo, ali mesmo na sua própria casa.

Mas atrair Izzy até à cozinha para conseguir falar a sós com ela tinha sido a parte fácil. Encontrar as palavras certas para o que sabia que tinha de dizer, não era de todo fácil.

— Olhe, isto pode não lhe soar muito justo — começou ela, parando em seguida para respirar fundo. Os dedos, de moto próprio, esfarripavam um guardanapo de papel.

— É certamente frustrante — comentou Izzy com boa disposição — esperar para saber do que se trata «isto».

— O Sam é um homem muito atraente — desembuchou Gina, e as sobranceiras de Izzy dispararam.

— Meu Deus, não acredito — disse ela a rir-se. — Você é secretamente louca por ele e quer que eu interceda por si. Bem, não diga mais nada... serei a discipulação em pessoa e antes que se dê conta, já estará...

— Não!

Izzy continuava a sorrir. Gina chocava-se com tanta facilidade. — Bem, — disse ela, — se não é isso, o que é?

— Eu vi o modo como você tem estado a olhar para ele e o modo como ele olha para si. — Com a aflição, as palavras saíam atabalhoadamente. — E eu não iria suportar se você e o Sam...

— Se nós o quê?

— Tivessem um caso — disse Gina tristemente. — Em minha casa. O meu marido trocou-me por outra mulher, nunca fui tão infeliz na minha vida e seria incapaz de lidar com isso. — Parou uma vez mais e de seguida continuou em voz baixa: — Desculpe, não consigo evitar. Eu avisei-a de que o que tinha para dizer não era justo.

Izzy tentou mas não conseguiu esconder a consternação. Olhando fixamente para as pequenas taças de mousse de chocolate alinhadas em cima da mesa da cozinha e constatando que já não tinha fome, disse: — Quer que eu e a Kat nos vamos embora.

— Não queria dizer isso. — Mais embaraçada do que nunca, Gina

abanou a cabeça. — E, não, claro que não quero que se vão embora. Só não quero que você e o Sam... comecem alguma coisa. Não quero ficar a segurar a vela na minha própria casa.

— E se eu prometer deixá-lo em paz, você fica feliz? — Desta vez, Izzy teve de esconder o sorriso. Acharia Gina que ela era uma autêntica ninfomaníaca?

— Já me esqueci de como ser feliz — disse Gina, imensamente aliviada. Como a diversão de Izzy não lhe tinha escapado, ela encolheu os ombros e conseguiu esboçar um sorriso. — Digamos que ficarei suportável.

Capítulo 9

— Que lata! — protestou Katerina na manhã seguinte. A rapar o resto da mousse de chocolate, raspava o prato com vigor. — Isso é chantagem emocional.

— Chantagem financeira — corrigiu Izzy, que tinha desencantado um frasco de brilho para o corpo e estava a borrifá-lo generosamente no cabelo e ombros. — Ela sabe que não temos dinheiro para sair daqui.

Katerina dirigiu-lhe um olhar de reprovação. — Mas ele é bastante bonito. Isso gorou os teus planos? Vais afastar-te completamente?

— Nem pensar. Isto é até bastante empolgante.

— Hum. — Katerina não estava convencida. — A mim não me parece lá muito empolgante.

— És demasiado nova para compreender — informou-a Izzy alegremente. — Os homens como o Sam não estão habituados a não terem o que querem. Vou deslumbrá-lo e baralhá-lo, e quanto mais tempo ele tiver de esperar, mais tentado se sentirá. Vai ser muitíssimo divertido.

— Como sabes? — Katerina deu uma última lambidela apreciativa na colher. — Nunca te armaste em difícil.

Izzy estava com um ar sereno. — Não te preocupes, resulta sempre. Li isso num livro da *Mills & Boon*.

Sam podia facilmente ter dormido o dia todo, mas sabia por experiência que a única forma de combater o *jet lag* era ignorá-lo. Além disso, ele tinha muito que fazer.

— Oh, vais sair? — perguntou Gina timidamente quando ele chegou ao piso de baixo ao meio-dia envergando uma t-shirt branca amarrotada e umas *Levi's*, com o cabelo ainda molhado do duche. Com o forte bronzeado havaiano e o cabelo aclarado pelo sol, ele estava mais surpreendentemente exótico do que o costume e Gina indagou-se tristemente como raios esperaria ele que Izzy se mantivesse imune ao seu charme.

Nervosa, porque sabia que mais cedo ou mais tarde ele iria encontrar-se com Andrew, desviou o olhar e ocupou-se com a máquina do café.

— Expresso ou com leite? Se estiveres com fome, posso fazer-te uma sanduíche de bacon...

— Não quero que me sirvas — disse Sam, que sabia exatamente o que estava a preocupá-la. Tirou-lhe das mãos o pacote de café e empurrou-a delicadamente até uma cadeira, constatando nesse momento que ela tinha perdido bastante peso. — E se alguém precisa de uma sanduíche de bacon, és tu.

— Neste momento não tenho muito apetite — resmungou Gina. Depois, numa atitude defensiva, acrescentou: — Não te preocupes, não estou anorética.

Sam anuiu com a cabeça. — Ok. Acho que é permitido, tendo em conta as circunstâncias.

Contudo, Gina não ia desviar-se do seu objetivo. Bruscamente, disse: — Ainda não me disseste onde vais. Já falaste com o Andrew?

— Não. — Sam, que tencionava telefonar-lhe nessa tarde, pôde responder com franqueza. — Vou até à discoteca. E tenho de arranjar algum meio de transporte; vou alugar alguma coisa por enquanto. Depois pensei em ir dar uma olhadela nalguns imóveis. Quem sabe, — acrescentou ele em tom de brincadeira, — pode ser que acabe por me mudar aqui para o lado. Não é a ideia mais assustadora de sempre?

— Não é uma ideia nada assustadora — disse Gina, constatando que ele estava a tentar animá-la. Deu-lhe um beijo rápido e desajeitado na face e disse: — E não precisas de te apressar em sair nem de comprar a primeira coisa que te apareça. É um prazer ter-te cá.

A total incapacidade dela para mentir era uma das suas mais encantadoras características. Desgrenhando-lhe os cabelos louros, Sam disse: — Obrigado, querida. — Depois sorriu e acrescentou: — Mas um conselho: se estás a pensar entrar para a política... não o faças.

As velhas amizades eram difíceis de debelar e Sam não fazia a mínima tentativa de criticar as ações de Andrew. Aquelas coisas aconteciam, casamentos longos acabavam todos os dias e Sam não ia atribuir culpas. A longo prazo, podia bem acabar por ser a melhor coisa que podia ter acontecido tanto a Gina como a Andrew.

Desde que Andrew, pensou ele com ironia, enquanto conduzia em direção a Barbican no seu novo e extremamente limpo carro alugado, não tivesse cometido o maior e mais horrível erro da sua vida.

O bar de tapas estava a abarrotar com os habituais clientes que por lá passavam diariamente a seguir ao trabalho para tomar um copo antes de seguirem para casa. Embora houvesse algumas mesas livres na esplanada

— estava uma amena tarde de sol que tinha assistido ao reaparecimento sazonal dos *Ray-Ban* —, Andrew preferia evidentemente a escuridão do interior do bar. Quando pagava uma garrafa de *Rioja* e uma taça de tapas, Sam constatou que também ele tinha perdido peso; o fato cinzento-escuro era demasiado grande para ele e o colarinho da camisa estava largo.

— Então, estás feliz?

Andrew encheu os copos e sorriu ironicamente. — Está feito, não está? Agora é demasiado tarde para mudar de ideias.

Sam não disse nada e esperou que ele continuasse. Ouvir os outros era a sua especialidade.

— Vais conhecê-la — continuou Andrew, olhando para o relógio. — Ela vem ter connosco às seis e meia. Céus... não sei... pensei que estava apaixonado por ela, mas não é fácil. Se os opostos realmente se atraem, ela e Gina devem dar-se às mil maravilhas. Sabes que ela não cozinhou uma única refeição desde que nos mudámos para aquele apartamento?

— Ela trabalha? — perguntou Sam calmamente, tentando não sorrir.

— Apresentou demissão no dia em que deixei a Gina. Não faz nada em casa... não faz nada de nada! — Andrew derramou o vinho no meio da agitação. — Raios, até tínhamos uma vista bonita se conseguíssemos ver alguma coisa através das janelas. Por isso optamos por sair; eu gasto uma fortuna, que não tenho, em restaurantes italianos, porque ela anda com desejo de esparguete *alle vongole*, e passamos as noites a dizer um ao outro quão sortudos somos por nos termos encontrado. Depois voltamos para o apartamento e comemo-nos como doidos. Em seguida, — concluiu ele sem qualquer entusiasmo, — a Marcy adormece e eu passo uma camisa a ferro para o dia seguinte.

— Achas que ao menos ela está feliz? — perguntou Sam, esforçando-se já ao máximo para manter um ar sério.

— O Papa é católico? — ripostou Andrew. — Claro que está feliz; não faz uma única coisa que não queira, tem tudo o que sempre quis...

— Então, o que vais tu fazer?

Andrew abriu as mãos em desespero. — Não fiz já o suficiente? Ela vai ter um filho meu, porque nem sequer se deu ao trabalho de se lembrar de tomar o raio da pílula, e deixei a minha mulher. Agora não há nada que eu possa fazer, a não ser viver com isso. — Abanou a cabeça, esvaziou o copo e empurrou a taça com tapas intacta. — Desejo sexual não é amor, Sam. Aceita esta dica de um perito e nunca te deixes convencer do contrário.

Marcy chegou atrasada, entrando bamboleante no bar escurecido às dez para as sete. O primeiro pensamento de Sam foi que Andrew não tinha estado a brincar quando lhe dissera que Gina e Marcy eram autênticos opostos. Apesar de não ter ainda uma grande barriga, ela era decididamente

gordinha; as pernas, de collants cinzentos-claros, faziam-lhe lembrar anjos gravados em pedra que cabriolam ao redor de fontes e o vestido de lã cor-de-rosa cobria com dificuldade um busto impressionante. Embora ela tivesse um rosto inegavelmente bonito — faces rosadas, grandes olhos cinzentos e uma boca pequenina e perfeita —, os cabelos castanhos-avermelhados por altura dos ombros pareciam nitidamente despenteados e a única maquilhagem que ela parecia ter era o resto do rímel do dia anterior esborratado debaixo dos olhos.

Ela não era, de todo, o que ele tinha esperado e pela primeira vez na vida, Sam ficou completamente surpreendido com a enormidade do abismo entre a expectativa e a realidade. A voz descontraída e extremamente eloquente de Marcy, os gestos langorosos e a lentidão quase monótona com que começou a depenicar quatro taças de tapas conjugavam-se para dar a impressão de que as pilhas dela estavam prestes a esgotar-se. Não que ela dissesse algo de errado; ela parecia perfeitamente simpática e até sorria sempre que necessário. Mas Sam não conseguia imaginá-la a ser capaz de reunir energias para gargalhar.

— Então por enquanto estás em casa da Gina — comentou ela depois de absorver o resto do molho da salada com um pedaço de tosta. — Como te parece ela? Pobre Gina, estamos tão preocupados com ela. Ela está a reagir bem?

Sam era capaz de imaginar a reação de Gina, se alguma vez descobrisse que tinha a compaixão de Marcy. Combustão espontânea, no mínimo, decidiu.

— Por acaso, — respondeu ele com descontração, — está a reagir extremamente bem.

— Deve ser horrível para ela — continuou Marcy, afastando os cabelos do rosto e bebendo um gole de *Perrier*. — Espero que consigas compreender a nossa situação. Nós não queríamos que isto acontecesse, simplesmente... aconteceu. A última coisa que eu queria era magoar alguém, mas quando duas pessoas se apaixonam, não conseguem evitar, Sam. — Calou-se por uns instantes e sorriu para Andrew. — Não conseguem mesmo.

— Oh, Kat, tens de ir à discoteca — implorou Izzy. — O Sam convidou-nos. Vai ser maravilhoso.

— O Simon e eu temos muito trabalho para fazer — respondeu Katerina com calma. Desenrolou um longo lenço de algodão azul-marinho do pescoço, largou uma pilha de livros em cima da mesa da cozinha e fez sinal para que Simon se sentasse.

Encantado com o convite e, como sempre, deslumbrado com Izzy, Simon disse: — Bem, se calhar podíamos...

— Não, não podíamos... — Katerina calou-o com um olhar. — Uma noite na The Chelsea Steps não vai melhorar, nem por sombras, a minha vida como passar no exame de Física. E não há necessidade de olhares para mim assim, Simon; estou apenas a ser prática.

Havia vezes em que Kat era prática de mais, pensou Simon sombriamente. Olhando de relance para Izzy, em busca de apoio, ficou ainda mais desanimado quando ela se limitou a encolher os ombros e a dizer terminantemente: — Ela não é minha filha. Eu levei o bebé errado do hospital, de certeza. Algures por aí neste mundo, a minha filha verdadeira está a divertir-se! — Então, para contrabalançar ligeiramente o que tinha acabado de dizer, soprou um beijo aos dois. — Queridos, espero que tenham uma noite entusiasmante. Entretanto, nós, os velhos jarretas, vamos sair e tentar divertir-nos. Agora, onde foi que eu pus o meu passe de autocarro...?

Capítulo 10

Às dez e meia, a The Chelsea Steps estava quase lotada. Depois de ter concluído a breve reunião de negócios com Toby Madison e de se ter assegurado de que tudo tinha corrido sem problemas na sua ausência, Sam estava a rever velhos amigos. No seu elemento, Izzy estava absorta em animada conversa com um piloto de corridas que tinha o braço direito engessado. Temporariamente sozinha no bar, Gina indagava-se se alguma vez na vida se teria sentido mais desconfortável.

Não era justo, pensou ela infelicíssima. Todos os outros pareciam conseguir mudar com bastante facilidade para o modo discoteca; seria ela a única genuinamente incapaz de fazer o mesmo? Enquanto mulher de Andrew, ela tinha sido uma conversadora adequada, até mesmo animada, contudo, ali... naquele momento... ela não conseguia sequer imaginar como se fazia. Aquele era o tipo de socialização que faziam as pessoas solteiras — era no que pessoas solteiras como Sam e Izzy se evidenciavam — mas ela tinha sido casada tempo de mais para sequer se lembrar como era ser-se solteira. Não era capaz. Tudo o que queria naquele momento era poder ir para casa, enfiar-se dentro da cama e fingir que os acontecimentos das últimas semanas nunca se tinham passado.

Momentos depois, Sam surgiu ao seu lado.

— Assim tão mau, hum?

— É... é uma discoteca encantadora — gaguejou Gina, não querendo que ele pensasse que ela era uma autêntica banana. Gesticulando em volta para a decoração em azul-escuro e bronze, disse: — E está, obviamente, a correr bem. Estão todos a gostar... a divertir-se... estão sempre a sair notícias nos jornais...

— Não tens de te sentir culpada só porque não estás a divertir-te — disse-lhe ele suavemente. — Desculpa, não devia ter-te convencido a vir.

— Acho que não sou muito adepta de discotecas — disse Gina com um ar abatido. — A Izzy está a divertir-se imenso e faz tudo parecer tão fácil.

— Ela já tem muita prática — respondeu Sam secamente, de olhar fixo em Izzy. Perdendo glamour à velocidade da luz, ela e o piloto de corridas estavam naquele momento a dirigir-se precariamente para o bar em busca de mais uma garrafa de champanhe. Por mais forte que tivesse sido a atração que sentira por ela, Sam era capaz de ver perfeitamente os seus defeitos e fazer companhia a Gina era o mínimo que ela podia ter feito, tendo em conta as circunstâncias. Segurou no braço de Gina e disse: — Anda, vamos para casa.

Ela fez um ar alarmado. — Não podemos deixar a Izzy.

— Porque não? — perguntou Sam calmamente. — Ela deixou-te a ti.

A ideia de Sam e Izzy terem um caso tinha deixado Gina horrorizada, mas a perspectiva de atrito entre os dois era ainda mais desconcertante. Saltando em defesa de Izzy, ela disse: — Na verdade, só por alguns minutos.

Ele sorriu ironicamente. — Não entres em pânico, não estou a sugerir que a ponhas na rua. Estou apenas a dizer que ela consegue ser um bocadinho inconsequente de vez em quando. Leal, — admitiu ele, com o ataque verbal da noite anterior sobre si ainda fresco na memória, — mas, todavia, irrefletida.

— Mas nós não podemos abandoná-la! — protestou Gina tristemente. — E tu também não te queres ir embora. Porque não apanho um táxi? Vou ficar bem, a sério.

— Ora, cala-te — disse Sam num tom carinhoso. — Anda, vamos avisar a Izzy de que nos vamos embora. Ela já é crescadinha, tenho a certeza que é capaz de ir para casa sozinha.

Só Katerina Van Asch seria capaz de passar três horas inteiras a discutir — em estonteante pormenor — o sistema reprodutor humano sem sequer lhe passar pela cabeça o efeito que isso podia estar a ter no seu companheiro de estudo, pensou Simon com crescente frustração.

— Então, — dizia ela naquele momento, enquanto se esticava pela carpete aveludada para alcançar o pires de *Liquorice Allsorts*, — vamos só recapitular uma vez mais. Ainda não estou satisfeita com os níveis de testosterona.

Simon não estava satisfeito com os próprios níveis de testosterona, que estavam a disparar; ele tinha a certeza que não podia ser bom para a saúde. Sentando-se repentinamente, lançou-lhe um olhar de reprovação.

— O que foi? — perguntou Katerina, virando-se de lado e cruzando o olhar dele. Até de *sweatshirt* cor de laranja esfarrapada, calças estilo tropa e meias verdes esburacadas, ela estava irresistível. — Simon, o que se passa contigo esta noite? Não estás a concentrar-te nada.

Reunindo toda a coragem possível, Simon puxou para trás o cabelo louro liso e disse: — Achas que seria sensato fazer um importante exame de Matemática sem ter resolvido uma única equação matemática?

Ele estava mesmo estranho naquela noite, decidiu Katerina. Fazendo-lhe a vontade, ela respondeu obedientemente: — Não, claro que não.

— Ou... um exame de Química, quando nunca se fez uma experiência?

— Não.

— Mas esperas passar a Biologia baseada apenas no que aprendeste nos livros — persistiu ele, corando ligeiramente. — Isso não parece... ilógico?

Depois de pensar alguns segundos no argumento dele, Katerina fez um largo sorriso. — Queres dizer que eu devia assassinar-te, depois dissecar o teu corpo com a melhor faca de trinchar e a pinça de sobranceiras da Gina? Simon, é muito generoso da tua parte, mas...

De repente os braços dele estavam em volta dela, a boca colada sobre a dela e o coração batendo freneticamente contra o peito dela. Espantada, Katerina quase riu às gargalhadas mas percebeu que não seria a atitude mais diplomática. Podia não ter muita experiência, mas até ela sabia que beijar e gargalhadas não combinavam. — Amo-te, Kat — balbuciou Simon, mal conseguindo acreditar que os seus sonhos estavam finalmente a concretizar-se. — Deves saber o quanto te amo, está a dar comigo em doido...

— E achas que seríamos capazes de melhorar as notas se tivéssemos um pouco de experiência prática no assunto — disse ela, afastando-se delicadamente dele. Se a paixão sexual era aquilo, bem... no geral, ela preferia os *Liquorice Allsorts*. — Simon, é muito simpático da tua parte fazeres a proposta, mas eu não posso. Acho que não seria... certo.

— Oh, raios — resmungou Simon descontente. Constatando que tinha verdadeiramente estragado tudo com Katerina, talvez a sua única oportunidade, deixou-se cair para trás apoiado num cotovelo e fitou taciturnamente a pilha de livros que estava aberta em frente da lareira. — Calculo que agora nunca mais vais querer ver-me.

— Não sejas parvo — respondeu ela, sorrindo e passando-lhe a lata meio vazia de cerveja. — És o meu melhor amigo, não és?

— Preferia ser teu namorado — disse ele com uma expressão ainda truculenta.

— Não, não preferias. — Apertou-lhe a mão. — Sou uma virgem de dezassete anos de idade e, ainda por cima, provavelmente frígida. Não há nada que possa fazer acerca disso; talvez subconscientemente esteja a revoltar-me contra a minha educação. Mas a culpa não é tua, ok? — insistiu ela, mais energicamente desta vez. — É minha.

— Um dia, — disse Simon com resignação, — vai aparecer um homem qualquer que te vai deixar zozza e tu nem sequer vais perceber o que te acertou.

— Ele é que não vai saber o que lhe acertou — respondeu bruscamente Katerina. — Mas muito provavelmente será o meu livro de Física. Já te disse, Simon, não nasci mesmo para essa coisa do amor e do sexo. Não sou assim.

Não havia nada como uma boa atração sexual à moda antiga para dar ânimo a uma pessoa, pensou Izzy na manhã seguinte, olhando fixamente para a perna esquerda, que estava decididamente mortíça. Mas embora a atração sexual ainda estivesse presente — pelo menos, da parte dela —, o plano da noite anterior parecia ter falhado de modo algo espetacular. Ao encetar conversa com Nicky Holmes-Pierce, arrogante piloto de corridas e ex-marido de uma das suas amigas de longa data, ela tinha esperado provar a Sam que não estava assim tão interessada nele e, ao mesmo tempo, despertar o seu interesse. Em vez disso, porém, ele tinha simplesmente deixado a discoteca com Gina e até àquela manhã parecera-lhe completamente desinteressado. E ela tinha até colocado maquilhagem.

Naquele momento, com o sol a entrar pelas janelas da cozinha, ele estava a ignorá-la completamente e a estudar cuidadosamente uma pilha de folhetos de imobiliárias espalhados em cima da mesa. Com Gina fora a fazer compras e Katerina na escola, a fácil camaradagem inicial parecia correr sério perigo de evaporar por completo. Izzy corria o risco de perder toda a fé na *Mills & Boon*.

— Se quiseres, posso ajudar-te a procurar um apartamento — ofereceu-se ela, baloiçando a perna saudável contra o banco de madeira e esforçando-se para restituir o equilíbrio.

Sem sequer olhar para ela, Sam disse: — Achava que ias estar demasiado ocupada a procurar emprego.

Encantador, pensou Izzy, e perguntou com desconfiança: — Porquê? A Gina está preocupada com a renda?

— Ela não disse nada — respondeu Sam calmamente. — É demasiado bem-educada. Talvez tenha sido por isso que me pareceu adequado tocar no assunto.

Desviando o cabelo do rosto, ela disse contrariada: — Eu tinha um emprego, até uma louca terrivelmente bem-educada entrar de rompante na minha vida. O acidente não foi culpa minha, sabes?

— Sei. — Sam sorriu ligeiramente por ela estar com um ar tão indignado. Mas não ia desviar-se do seu objetivo. — E eu tenho a certeza que tu não irias aproveitar-te da generosidade dela — continuou ele, agora mais

brandamente. — Mas eu gosto muito da Gina e ela está a passar por um momento difícil. Ela precisa do máximo apoio possível.

— Não sou nenhum sutiã com armação — retorquiu Izzy, com o olhar incendiado.

E também não estás a usar nenhum, pensou Sam, admirando o suave contorno dos seios dela debaixo da camisa larga caqui. Pegando na lista de moradas, ele levantou-se. — Ok, não amues. Queres vir comigo ou não?

— Vais ser bruto comigo? — Izzy olhou para ele com desconfiança.

— Só se for o que realmente quiseres.

A tensão tinha desaparecido. Ela sorriu subitamente. — Preferia adulação aos montes, se pudesses fazer esse favor.

— Adulação aos montes — meditou Sam com um olhar inexpressivo enquanto segurava a porta e lhe fazia sinal para que passasse. — Nesse caso, devo dizer-te que te ouvi a cantar na casa de banho hoje de manhã e tenho de confessar que fiquei impressionado. Muito impressionado. Tem uma voz excepcional, menina Van Asch. De facto, uma voz verdadeiramente espetacular...

— Tretas. — Izzy desatou a rir às gargalhadas. — Era a Liza Minnelli no rádio.

Capítulo 11

Duas horas depois de se ter lançado numa jornada pelos imóveis selecionados em zonas altamente desejáveis de Londres, durante as quais deu uma rápida vista de olhos e rejeitou sumariamente apartamentos que Izzy teria dado tudo para lá viver, Sam encontrou o que procurava. Situado no último andar de um baixo bloco de apartamentos, chique mas discreto, em Holland Park, era iluminado, extremamente espaçoso e dispunha de vistas espetaculares sobre o próprio parque.

— Sim, é este — disse ele, simplesmente, parado no meio da enorme sala de estar depois de ter inspecionado os quartos. Enfiando as mãos nos bolsos traseiros das *Levi's*, olhou através das janelas panorâmicas para o parque e anuiu uma vez mais com a cabeça para ênfase. Então, virando-se para o estupefacto agente imobiliário, disse: — Fico com este.

Ver Sam escolher uma casa tinha sido uma experiência edificante. Encantada com a facilidade com que ele o tinha feito, Izzy disse com admiração: — Já vi homens demorarem-se mais a escolher uma camisa.

— Ah, mas eu sei o que quero — disse Sam, olhos cintilando com diversão. — E sei do que gosto. Por isso, para quê perder tempo?

Com um arrepio involuntário, Izzy indagou-se se, debaixo daquela capa supercontrolada, ele a queria. A ideia era extraordinariamente cativante. Raios, pensou ela, naquele momento teria dado qualquer coisa para estar livre daquele gesso...

Como estava na hora do almoço, deslocaram-se a um bar de vinhos próximo para comemorar. Sam ergueu as sobranceiras quando Izzy pediu uma garrafa de vinho muito caro.

— Não entres em pânico — disse ela zombeteiramente, desenterrando a carteira da mala e acenando-lha. — Nós temos a tecnologia, temos os meios para pagar. Não estou propriamente em condições de fugir.

Ciente de que ela estava a tentar provar um ponto de vista, Sam aceitou em concordância e recostou-se na cadeira. — Ok, se tens a certeza.

— Tenho a certeza — disse Izzy, examinando avidamente o cartão. — Não és o único aqui que sabe o que quer... e o que eu quero

é salada de lagosta. Vá, escolhe alguma coisa maravilhosa. É por minha conta.

Sam levantou uma sobrancelha. — Andaste a roubar cartões de crédito?

— Sr. Sheridan, que mente pérfida e desconfiada tem. — Dirigiu-lhe um olhar admoestador e depois piscou-lhe o olho. — Só aqueles pequeninos dourados.

— Então, conta-me, — disse ela cinco minutos depois, — como está o Andrew? Conheceste a fulaninha? É mesmo a maior aventura amorosa de todos os tempos?

— Como sabes que eu ia encontrar-me com ele? — retrucou Sam genuinamente surpreendido.

Izzy encolheu os ombros. — É lógico, não é? Ele é teu amigo e tu tens o hábito de não perder tempo. Era certo que irias encontrar-te com ele.

— Acho que sim. — Ele sorriu, cedendo. Sam gostava de mulheres atentas. — Bem, não vai assim tão bem. Se a Marcy não estivesse grávida, ele voltava para a Gina como um relâmpago.

A mexer distraidamente o vinho com um dedo, Izzy disse: — Então é uma sorte para a Gina a Marcy estar grávida. De outra forma, ela era capaz de ser suficientemente estúpida para o aceitar de volta.

— E tu e a Katerina teriam de encontrar outro lugar para viver — comentou Sam secamente.

Izzy encolerizou-se. — Esse é um comentário barato. Por acaso eu não tenho uma opinião muito boa de homens como o Andrew Lawrence; ele é um merdas de primeira ordem.

— O teu marido trocou-te por outra?

— Eu? — Ela fez um ar de surpresa e depois encolheu desdenhosamente os ombros. — O pai da Kat pediu-me realmente em casamento, se é isso que estás a pensar, mas eu recusei, muito educadamente, e saltei fora enquanto podia.

— Porquê? — perguntou Sam, interessado.

— Porque, mais cedo ou mais tarde, eu teria acabado como a Gina. — Calou-se por instantes, bebeu um gole de vinho e acrescentou: — E porque ele já era casado quando o conheci.

— Hum.

— Na altura eu não sabia. Tinha dezoito anos e era ingénua, e quando descobri que ele tinha mulher, já era demasiado tarde; já estava grávida. Fim da história sórdida — anunciou Izzy quando o empregado de mesa se aproximou com a comida. — E não olhes para mim assim, porque não foi nada trágico e não arruinou a minha vida. Tenho uma filha melhor que

qualquer mãe pode esperar e a experiência ensinou-me tudo o que precisava de saber acerca dos homens. Só te contei isto para perceberes porque tenho uma opinião tão firme acerca da Gina e do Andrew. E tu ainda não disseste nada sobre a Marcy — queixou-se ela, conduzindo-o habilmente de volta ao assunto em mãos. Pegando numa pinça de lagosta e inclinando a cabeça para um lado, disse: — Conheceste-a, não foi? Então, o que é ela? Uma autêntica cadela?

— Oh, a vida é dura — disse Katerina em tom zombeteiro enquanto lavava a louça do jantar naquela noite. Izzy, que se tinha encostado ao corredor para secar os pratos, estava a regalá-la com os pormenores do dia.

— É um apartamento tão bonito — disse ela com entusiasmo. — Eram todos apartamentos lindos... e pensa só, querida, um dia, quando formos podres de ricos, vamos viver num apartamento tão fabuloso como o do Sam. Não vai ser fantástico?

— Desculpe a minha mãe, ela é uma irremediável fantasista. — Katerina sorriu para Sam, que tinha acabado de entrar na cozinha. Em seguida, voltou de novo a atenção para Izzy com uma expressão de alarme. — Mãe, não estás a usar o teu fio de ouro!

Izzy levou automaticamente a mão ao decote aberto da camisa. Depois encolheu os ombros. — Devo tê-lo deixado lá em cima.

— Mas tu nunca o tiras — começou Katerina. — Tu usa-lo sempre...

— Está lá em cima — repetiu firmemente Izzy antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa. — Agora dá-me esse prato antes que lhe arranques os desenhos. Quando for podre de rica, vou arranjar uma filha nova — continuou ela tranquilamente, dirigindo-se a Sam e desafiando-o silenciosamente a comentar o facto de as suas faces estarem bastante ruborizadas. — Uma que não apoquente a pobre mãe até à morte.

Quando Sam regressou à sala de estar, encontrou Gina encolhida no sofá a fazer cálculos no verso de uma fatura de eletricidade. Apesar do facto de lhe ter passado um cheque de importância considerável naquela manhã, as finas sobrancelhas louras da amiga continuavam franzidas de preocupação.

— Está tudo bem? — perguntou ele, tocando-lhe no ombro e pregando-lhe um susto.

— Tão bem quanto possível. — Gina conseguiu esboçar um sorriso. — Detesto soar como uma dona de casa desamparada, mas não tinha pura e simplesmente constatado o quanto custa apenas viver.

Sentindo uma nova onda de irritação ao recordar as atitudes arrogantes de Izzy Van Asch para com tais mundanidades como o orçamento familiar, Sam disse bruscamente: — Particularmente quando se tem inquilinas

parasitas para sustentar. Querida, és demasiado pacata... se a Izzy não abrir os cordões à bolsa brevemente, vais ter de lhe pedir que saia.

Gina ergueu os olhos, surpreendida. Depois, com uma vigorosa sacudidela de cabeça, disse: — Oh, não tive oportunidade de te dizer. Ela pagou-me dois meses de renda.

Foi a vez de Sam ficar surpreendido. — Céus — respondeu ele, um tanto molificado. — Já não era sem tempo. — Ela devia ter vendido o fio de ouro enquanto ele assinava papéis nas imobiliárias, decidiu. Pelo menos isso provava que ela tinha algum tipo de consciência.

Satisfeito consigo próprio... e, para ser sincero, com Izzy... disse: — Afinal, a pequena conversa que tive com ela esta manhã deve ter sido entendida.

— Não sei, talvez. — Gina tinha voltado novamente a atenção para as contas. Então, meio ausente, acrescentou: — Mas a Izzy deu-me o dinheiro ontem.

Tirar o gesso da perna na sexta-feira seguinte foi pura felicidade. Outra vantagem, descobriu Izzy ao regressar a casa algumas horas mais tarde, era poder movimentar-se silenciosamente outra vez, sem que a sua chegada a qualquer lugar fosse anunciada pelo ruído atraçoador das muletas.

— Estou de volta! — anunciou ela encantada, abrindo abruptamente a porta do quarto de Katerina.

Katerina, que estava deitada em cima da cama, deu um salto e enfiou rapidamente debaixo das almofadas o livro que estava a ler. — Mãe! É suposto bateres à porta.

— Queria surpreender-te — disse Izzy tranquilamente. Avançando em direção à cama, acrescentou com um sorriso lascivo: — E parece que surpreendi mesmo. O que estás a esconder aí?

— O trabalho de casa — protestou Katerina, ruborescendo e perguntando-se por que razão tinha de ter a mãe mais barulhenta do mundo.

Mas não havia nada a fazer; agora sem o gesso a dificultar-lhe a vida, Izzy aproximou-se dela num ápice, começou impiedosamente a fazer-lhe cócegas com uma mão e arrancou o livro do seu esconderijo com a outra. Depois, retrocedendo triunfantemente para a segurança da porta, ergueu-o.

— *Os Prazeres do Sexo!* Francamente, querida, que desperdício de dinheiro. Eu podia ter-te dito o quão bom é, de graça.

— Devolve-me o livro — gemeu Katerina, envergonhadíssima. Quando Izzy estava com aquele tipo de disposição, não havia nada que a fizesse parar e não se sabia o que ela faria em seguida para extrair o máximo prazer do constrangimento de Kat.

— Mas, querida, pensei que não estavas interessada em rapazes — continuou Izzy alegremente. — E mesmo que estejas, estas fotografias bastariam para desinteressar qualquer uma. Já viste o corte de cabelo deste tipo? E a barba?... Uh!

Katerina não estava interessada em rapazes, mas a inesperada e desajeitada tentativa de sedução de Simon na semana anterior tinha tido um efeito mais profundo do que ela se havia apercebido inicialmente. Apenas por uma fração de segundo, conseguiu ela admitir para si própria mais tarde, ela sentira-se tentada a ir adiante só para ver como era e só os risinhos é que a tinham salvo.

Mas teria realmente sido salva? O sexo podia ser um mistério para ela, mas parecia que todos os outros gostavam e se era realmente assim tão maravilhoso, então talvez ela estivesse a perder alguma coisa. Depois de pensar seriamente no assunto, Katerina tinha decidido não dar início a um desafio de desforra com Simon — embora fosse um ótimo amigo, ela sentia instintivamente que devia existir maior envolvimento emocional entre os amantes — mas prestar, pelo menos, um pouco de atenção aos aspetos mais práticos do procedimento. Afinal, era sensato estar preparada. Assim, quando a pessoa certa aparecesse, pelo menos ela não correria o risco de fazer uma autêntica figura de idiota ao fazer tudo errado. Isso seria ainda mais humilhante do que ficar em último lugar num exame de Química, pensou ela com um arrepio.

Mas naquele momento, confrontada com o riso desenfreado da mãe e constatando que só poderia contar a verdade, disse firmemente: — É pesquisa, só isso. Não faças disto uma grande coisa, mãe.

— Grande coisa... — murmurou Izzy, observando uma das ilustrações mais pormenorizadas do livro e secando as lágrimas dos olhos com as costas da mão. — Oh, Kat, não olhes assim para mim... isto é tão engraçado...

— Posso sempre partir-te a outra perna — propôs Katerina, avançando para ela. — Olha, mãe, porque não te acalmas e me devolves...

Katerina lançou-se para a frente, mas era demasiado tarde. Atravessando precipitadamente a porta em direção ao patamar, Izzy atirou o livro pelas escadas abaixo.

Precisamente nesse momento, ouviram ambas a porta da frente abrir-se.

Katerina susteve a respiração. Ainda a tremer de riso, Izzy deslocou-se furtivamente de pés descalços pelo patamar e espreitou por cima do corrimão de madeira trabalhada para Sam, que estava no fundo das escadas com o livro na mão.

— Por favor, senhor, — disse Izzy, de olhos arregalados, adotando uma expressão de inocência, — pode devolver o nosso livro, por favor?

Constatando o facto de que a tão aguardada remoção do gesso tinha tido lugar, Sam olhou de relance para a capa do livro e depois — sem pestanejar — olhou para Izzy.

— Interrompi alguma coisa, — disse ele com ironia, — ou isto é um convite?

Sufocando uma risadinha, Izzy disse solenemente: — Revisão. Agora que tenho a perna de volta, pensei que era melhor refrescar a memória. Já passou tanto tempo que posso ter-me esquecido de como se faz.

Capítulo 12

Farta até às pontas dos cabelos de não fazer nada, Izzy comemorou o seu regresso ao mundo de duas pernas saindo e reempregando-se.

Como as perspectivas de emprego na área da música eram péssimas como sempre, ela precisou de duas horas de bajulação e de uma saia extremamente curta para convencer Bernie Cooper a aceitá-la de volta no Platform One, o clube nada chique de Soho em que tinha trabalhado até ao acidente.

Mas, entretanto, ela tinha sido substituída por uma cantora de blues extremamente talentosa chamada Arlette e Bernie só pôde oferecer-lhe uma noite por semana, o que significava conseguir também emprego num pub.

O trabalho no Brennan's Bar — no vizinho Covent Garden — era duro, o ambiente frenético e o salário ridiculamente baixo, mas pelo menos deixava-a com a maior parte dos dias livre, por isso ela podia ir a audições.

Entretanto, as noites de Gina estavam a tornar-se cada vez mais prolongadas e insuportáveis. Ela ainda era capaz de lidar com os dias, porque ao menos nessa altura as lojas estavam abertas, mas as noites solitárias — quando tanto Izzy como Sam desapareciam para os respetivos lugares de trabalho e Katerina se retirava para o quarto para estudar — eram deprimentes e intermináveis. Pior ainda, e porque tinha um sono muito leve, ela acordava invariavelmente por volta das três da manhã com o barulho de Izzy e Sam regressando a casa, rindo-se e brincando um com o outro enquanto partilhavam um lanche tardio e assistiam a um filme antes de, finalmente, se retirarem para as suas camas uma ou duas horas depois.

Uma noite, depois de ter dito firmemente para si mesma que era óbvio que não estavam a falar dela, Gina levantou-se da cama e vestiu um robe leve. Eles pareciam estar a divertir-se tanto lá em baixo... e ela estava tão só...

Mas o riso já tinha acalmado quando ela acabou de atravessar o hall e quando ela parou à porta da sala de estar, conseguiu ouvir nitidamente as vozes baixas.

— ...é de doidos — estava Izzy a dizer com característica impaciência. — Tentei fazê-la ver que está a desperdiçar a vida, mas ela recusa-se simplesmente a fazer alguma coisa. É quase como se gostasse de se sentir infeliz.

Gina estremeceu, agarrando-se à parede em busca de apoio.

— Claro que não gosta — ouviu ela Sam responder de modo mais sensato. — Ela pura e simplesmente não consegue evitar isso neste momento. Eu sei que é frustrante...

— Podes ter a certeza que é frustrante — disse Izzy, exaltada. — Ela gasta mais dinheiro em roupa do que toda a Realeza junta, e depois entra em pânico porque não consegue pagar a conta do gás.

— De acordo com a tua filha, é exatamente isso que tu fazes.

— Mas eu não entro em pânico, eu desfruto! — retaliou Izzy. — O que é verdadeiramente frustrante é o facto de a Gina fazer isso e continuar a sentir-se deprimida.

— Ela precisa de alguma coisa que lhe ocupe a cabeça — disse Sam, por cima do retinir de copos. — Alguma espécie de trabalho, embora, quando lhe sugeri isso no outro dia, ela tenha reagido como se eu tivesse sugerido prostituição.

— Ela podia ficar com o meu emprego. — Izzy já estava a rir-se. — E eu fico com o controlo do livro de cheques dela. Pobre Gina, eu sinto pena dela, mas há vezes em que desejava conseguir enfiar algum juízo naquela cabeça. Por amor de Deus, há quantas semanas não sorri ela?!

— Ela está infeliz — repreendeu Sam. — Nunca te sentiste infeliz?

No instante seguinte, Izzy gritou: — Claro que sim! Na verdade, sinto-me infeliz neste preciso momento. Sam, como tiveste coragem?! — protestou ela, erguendo a voz com angústia. — Essa última fatia de pizza era minha!

— Ok, nós vamos tratar de si — anunciou Izzy alguns dias depois, enquanto conduzia Gina até ao pátio para, esperava ela, uma conversa produtiva de mulher para mulher e acenava com uma garrafa de *Chardonnay* para dar ênfase.

— Ainda são só onze e meia — protestou Gina, olhando horrorizada para o vinho.

— Ah, mas a hora adianta esta noite. — Izzy piscou-lhe um olho e continuou com grande firmeza: — Além disso, é necessário. Quero que seja completamente sincera e quero que descontraia! Se isto não resultar, — acrescentou alegremente, — recorremos ao *Pentothal*.

— Já sei o que vai dizer-me — disse Gina com um ligeiro tom de desafio. Era como ter de novo quinze anos.

— Não vou dizer-lhe nada — respondeu Izzy, enquanto servia o vinho, e em seguida descalçou os sapatos e instalou-se confortavelmente no banco de madeira. — Por um lado, não estou propriamente em posição de dar sermões. Por outro, os seus problemas não são, estritamente falando, assunto meu.

— Então porque é que me arrastou até aqui? — perguntou Gina.

— Beba o vinho antes que se evapore — respondeu Izzy severamente, sabendo por experiência que Gina era capaz de ficar de volta do mesmo copo durante horas. — A questão é que eu gostaria de ajudar, por isso pensei se haverá alguma coisa que eu possa fazer.

Sentindo-se embaraçada, e pensando que se não tivesse escutado a conversa de Izzy com Sam, teria ficado emocionada com a preocupação dela, Gina encolheu os ombros e disse: — Não me parece.

Era como arrancar dentes. Izzy esperou até Gina beber um gole decente de vinho e tentou novamente: — Olhe, eu quero mesmo ajudar. Qual era o seu maior desejo?

Apanhada de surpresa com a brusquidão da pergunta, Gina ficou com os olhos cheios de lágrimas. — Gostava que os dois últimos meses nunca tivessem acontecido.

— Mas aconteceram — disse Izzy, implacável. — Então, tendo isso em consideração, qual era o seu outro maior desejo?

Aquilo não era justo. Procurando atrapalhadamente um lenço, Gina balbuciou: — Não sei.

— Bem, seria bom sentir-se um pouco mais confiante e começar a sair e a fazer novos amigos?

— Não me diga. — Gina contraiu os lábios. — Eu devia arranjar um emprego.

— Não estou a dizer-lhe para fazer nada — recordou-lhe Izzy, embora fosse uma luta não o fazer. De repente, surgiu-lhe uma ideia e disse: — Posso dizer-lhe o que eu faria se estivesse no seu lugar?

Qualquer coisa era melhor do que suportar aquele interrogatório. Gina anuiu com a cabeça.

— Eu iria querer certificar-me de que o meu marido me tinha mesmo deixado para sempre — disse Izzy, recostando-se e improvisando rapidamente. — Iria querer vê-lo com a nova namorada para, pelo menos, poder parar de pensar no assunto! Não seria fácil, mas valeria a pena, porque assim eu saberia que estava tudo acabado e poderia continuar com a minha vida. E, sim, tentaria arranjar algum tipo de trabalho, muito embora pudesse estar morta de medo de, por não trabalhar há tantos anos, poder fazer uma autêntica figura de idiota... oh, por favor... — Izzy calou-se ao constatar que Gina estava a chorar copiosamente. — Desculpe, fui longe de

mais. Olhe, eu vou parar. Não direi nem mais uma palavra, mas, por favor, não chore mais.

— Não, não — choramingou Gina, com o lenço já completamente ensopado. — Você tem toda a razão — disse, fungosa. — É exatamente isso que eu quero fazer!

— Devíamos ter telefonado — disse receosamente Gina quando Izzy recuou o *Golf* para o lugar de estacionamento sob o bloco de apartamentos de Andrew. A coragem estava a abandoná-la agora que tinham chegado.

— Nem pensar — disse Izzy bruscamente, desligando o carro e interrompendo Cliff Richard a meio. — Desta vez é você quem vai levar a melhor. Aqui está, vestida com todo o requinte. — Gesticulou com aprovação para o elegante vestido de seda, as joias de prata e a cara perfeitamente maquiada. — E ali estarão eles, sem desconfiarem de nada e completamente desprevenidos. Vai ser um delírio — concluiu ela com determinação, rezando para não estar a cometer um erro horrível.

Quando abriu a porta, Marcy não desconfiava certamente de nada. Os cabelos castanhos-avermelhados estavam todos emaranhados, a larga camisola, nada favorecedora, e as calças de fato de treino pareciam que tinham sido usadas para dormir e o rosto estava pálido.

— Sim? — disse ela, agarrada à maçaneta da porta e olhando com desinteresse para as duas mulheres. Atrás dela, havia um televisor aos altos berros.

Gina imaginara muitas coisas durante aquelas infundáveis noites de tortura, mas nada igual àquilo.

— Viemos falar com o Andrew — disse Izzy, de modo prestável, quando se tornou aparente que Gina estava demasiado pasmada para dizer o que quer que fosse.

— Oh, ele não está. — A mulher, que tinha uma voz sonolenta e polida, parecia aliviada, como se a ausência dele resolvesse o problema.

— Acha que ele estará de volta — Izzy permitiu-se uma minúscula pausa — brevemente?

— Ele foi só ao supermercado. — Inesperadamente, Marcy sorriu. — Não deve demorar-se.

Durante todos os anos em que fora casada com Andrew, ele nem sequer assimilara a existência de tais lugares. Boquiaberta com a ideia de ele estar naquele momento num, e quase rindo às gargalhadas com o absurdo da ideia, Gina recuperou a coragem.

— Nesse caso, — disse ela, tão calmamente que até Izzy olhou para ela

com admiração, — talvez pudéssemos entrar e esperar. Sou Gina Lawrence, mulher de Andrew. E esta é a minha amiga, Izzy Van Asch.

O apartamento era uma autêntica lixeira. Para começar, era pequeno e tinha teto baixo, o aquecimento central sufocante e a quantidade incrível de coisas espalhadas pela sala tornavam-no decididamente claustrofóbico. Gina ficou ainda mais animada com o terrível espetáculo. A falta de resposta de Marcy à sua apresentação tinha sido decepcionante — ela tinha-se preparado para uma reação dramática e tinha recebido apenas um ligeiramente surpreso «Bem, então é claro que pode entrar» como resposta — mas, fora isso, ela estava com vontade de abraçar Izzy por a ter levado até lá. Era tudo tão menos aterrador do que tinha imaginado, e conhecer Marcy tinha-a enchido de um tão súbito e feroz otimismo, que ela sabia que não poderia falhar. Com bebé ou sem bebé, Andrew iria voltar para si mais cedo ou mais tarde. Afinal de contas, aquela criatura roliça, lenta e desmazelada não era ameaça para o seu casamento...

— Chá — anunciou Marcy, ao regressar da cozinha com duas canecas desemparelhadas, uma colher de sopa para pescar as saquetas do chá e um saco de tamanho familiar de batatas fritas com sabor a salada de gambas. — Bem, devo dizer que isto é tudo muito civilizado. — Com um suspiro de alívio, deixou-se cair numa cadeira. Em seguida, com os olhos cinzentos alternando entre as duas convidadas, gesticulou vagamente para as canecas de chá e sorriu uma vez mais. — Estou muito contente por se ter sentido capaz de nos visitar. Sempre achei que problemas com os ex e com os sogros são tão desnecessários... Por favor, Gina, sirva-se de batatas fritas...

A reação de Andrew, quando chegou ao apartamento quinze minutos depois, foi muito mais gratificante. Estacando à porta, com sacos de compras a abarrotar em ambas as mãos, olhou fixamente para a mulher e disse: — Céus!

Izzy abriu a boca, pronta para saltar uma vez mais em auxílio da amiga, mas Gina foi demasiado rápida para ela.

— Andrew — disse ela graciosamente, cruzando uma perna magra por cima da outra e alisando o vestido de seda sobre os joelhos com um gesto calmo, quase majestoso. — Que prazer rever-te depois de tanto tempo. Lamento termos aparecido sem avisar, mas não me pareceu que um assunto tão importante pudesse ser discutido adequadamente ao telefone. Espero que não te importes com a nossa vinda até ao teu... — A palavra «ninho de amor» ficou suspensa no ar entre eles. Izzy susteve a respiração. — ...lar — continuou Gina, com um ligeiríssimo sorriso a pairar-lhe nos

cantos da boca. — Mas precisamos realmente de discutir os pormenores do nosso divórcio.

— Foi espetacular! — exclamou Izzy quando regressavam ao carro. A explodir de orgulho, disse: — Você foi espetacular. A sério, estou tão impressionada. E viu a cara dele quando começou a falar do divórcio...?

— Sim — disse Gina, tão absorta nos próprios pensamentos que mal conseguia concentrar-se no que Izzy estava a dizer.

— E aquela mulher que ele arranjou? Que pateta. Pensei que ao menos ele tivesse arranjado alguém com mais energia... mas você foi tão sensacional... — Perdida de admiração, ela abanou a cabeça escura e fez um sorriso rasgado. — Não se sente um milhão de vezes melhor agora que os enfrentou?

— Melhor do que me sentia há meses — concordou Gina alegremente. Parando à borda do passeio e olhando de relance para cima para o apartamento alugado de Andrew, ela constatou que, finalmente, estava de novo a sentir-se viva. Incapaz de se conter, estendeu a mão e agarrou no braço de Izzy. — Melhor do que em toda a minha vida! Oh, Izzy, pensei que o tinha perdido... nem sequer me ocorreu que podia tê-lo de volta. E é tudo graças a si por me ter obrigado a vir até aqui...

Izzy parou abruptamente. O coração caiu-lhe aos pés. De algum modo, algures pelo caminho, ela e Gina tinham-se aparentemente confundido seriamente. — Ele é um mentiroso e um aldrabão e você fica melhor sem ele. Você veio até aqui para provar isso tudo a si mesma... para esquecer o assunto...

— Mas agora descobri que não preciso — respondeu Gina com os olhos acesos de felicidade. — E posso parar de me preocupar porque vai acabar tudo bem. Ele não a ama, não vê? Ele vai voltar!

— Oh, céus — disse Izzy com um gemido. Mas Gina nem sequer reparou; estava a milhas de distância.

— Ele vai voltar — repetiu ela com uma convicção sonhadora. — Para mim.

Capítulo 13

— A culpa é toda minha — admitiu lugubrememente Izzy enquanto Sam lhe dava uma bofeia até ao trabalho naquela noite a caminho da The Chelsea Steps. Enquanto olhava para o espelho de mão e dava os últimos retoques no batom, disse: — Estraguei tudo. E só estava a tentar ajudar — acrescentou ela com um gesto de impaciência.

— Eu estava realmente a perguntar-me porque estaria ela tão mais alegre — comentou Sam com ironia. Então, mudando de faixa para evitar um táxi que estava a travar, disse: — Mas será mesmo assim tão terrível?

Tinham chegado a Trafalgar Square. Lembrada pela visão da Coluna de Nelson de que tinha um *Cadbury's Flake* na mala e incomensuravelmente animada com a ideia, Izzy vasculhou-a até encontrar o chocolate e ofereceu metade a Sam. Para ainda maior felicidade sua, ele abanou a cabeça, o que significava um *Flake* inteiro para ela. — A Gina é como uma viciada com uma dose depois de seis semanas de abstinência — informou-o ela entre dentadas. — É completamente desastroso! Pensa só como ela será quando o efeito passar.

Divertido com a atitude de conselheira sentimental de Izzy, bem como com a capacidade dela para comer chocolate e aplicar rímel ao mesmo tempo, ele disse: — Nunca cometes erros?

— Oh, milhares. — Maquilhagem completa, Izzy tornou a enfiar o rímel na sua espaçosa mala e rapou o resto do *Flake*, lambendo os dedos com desenvoltura. — Mas isso torna-me uma perita ainda maior a ver onde todos os outros estão a errar. E uma coisa que eu nunca faria — acrescentou como reflexão despreocupada — seria cobiçar um homem que não me quisesse. Isso é que é estar mesmo a pedir para sofrer uma decepção. É simplesmente estúpido!

O Brennan's Bar estava ainda relativamente vazio quando Ralph entrou. O estômago de Izzy deu uma reviravolta rápida e, por um milissegundo, ela considerou esconder-se atrás do balcão. Contudo, como estava a entregar o troco a um obeso homem de negócios, não era totalmente prático.

Ralph, por sua vez, nem sequer pestanejou quando a viu. — Oi, Izzy — disse ele num tom tranquilo. Um ligeiro sorriso levantou-lhe os cantos da boca. — Ora, ora. Tantos bares que existem no mundo e tinhas de estar a trabalhar neste.

Ele podia ser ator, mas a conversa descontraída não a enganou nem por um instante. Com um sorriso irónico, Izzy disse: — Sabias que eu estava aqui.

— As notícias correm. — Encostando-se ao balcão, bronzeado e de olhos semicerrados, parecendo apenas um pouco aperaltado de mais na sua gabardina bege aberta por cima de uma t-shirt e de umas calças de ganga brancas, Ralph examinou-a com experiente minuciosidade. Depois acendeu um *Gauloise* e Izzy constatou que ele estava a desempenhar o seu papel de Alain Delon, o que significava que, debaixo da aparência, descontraída ele devia estar nervoso. — Então, como estás?

Pelo menos ele não estava a usar o sotaque francês. Recuando e mostrando-lhe as pernas (e naquele momento satisfeita por ter vestido o curto vestido de licra cinzento-escuro), ela disse simplesmente: — Restabelecida.

Ele anuiu com a cabeça. — E como está a Kat?

Ralph e Katerina sempre se tinham dado muito bem. Uma figura de pai pouco provável, ele tinha, apesar de tudo, construído um relacionamento afetuoso com Kat, e o bem-disposto desafio verbal entre os dois tinha sido capaz de os manter alegremente ocupados durante horas. Sentindo uma tardia onda de gratidão, Izzy agarrou numa garrafa de *Lanson* e disse: — Vá, é por minha conta. É mesmo bom rever-te.

Felizmente, o bar manteve-se tranquilo e ela pôde pôr em dia todos os mexericos relacionados com os velhos amigos dos dois.

— E tu? — perguntou ela finalmente. Conhecendo Ralph como conhecia, ela estava perfeitamente ciente de que ele lhe escondia alguma coisa.

Ele esboçou um sorriso, tentando não parecer demasiado satisfeito consigo mesmo. — Oh, não estou assim tão mal. Vai-se andando. Tu sabes.

— Como posso saber, se não me disseres? — insistiu ela, começando a divertir-se. Afinal, Sam continuava a ser proibido e se Ralph tivesse finalmente decidido perdoá-la... bem, pensou ela, ele tinha uns olhos maravilhosos e conseguia sempre fazê-la rir. Além disso, quando Sam a tinha apanhado com o manual de sexo de Kat, tinha havido alguma verdade na sua riposta quando dissera que estava muito destreinada...

— Bem, por acaso o meu agente ligou-me esta tarde — admitiu ele, sorrindo finalmente. — Para me dizer que consegui o papel principal numa nova série dramática de televisão.

O grito de deleite de Izzy assustou até os corretores da Bolsa,

habituaados a tudo, sentados numa mesa próxima. — Ralph, isso é fantástico! Meu Deus, deves estar em êxtase... conta-me tudo, todos os pormenores... rápido, bebe mais um copo de champanhe... devias ter saído para comemorar! — Debruçando-se sobre o balcão reluzente, segurou-lhe no rosto com as mãos e deu-lhe um beijo. Para seu maior deleite, ele não mostrou o mínimo sinal de resistência.

— Talvez eu quisesse comemorar com alguém que entendesse realmente. — Depois, semicerrando os olhos uma vez mais, disse: — Ainda andas com o outro tipo?

— Claro que não!

— Mais alguém?

Ainda não, pensou Izzy, cruzando os dedos debaixo do balcão. — Quem iria querer alguma coisa com um caso perdido como eu? — perguntou ela com desconfiança. Então, como ele continuava a olhar furiosamente para ela, ela sorriu e abanou a cabeça. — Não. Mais ninguém.

Ralph relaxou finalmente. — Nesse caso, a que horas consegues sair?

— Ah, cá estás tu — disse Sam, dirigindo-se ao balcão e observando com divertido interesse a forma como Izzy saltou ao ouvir a sua voz. Ainda mais intrigante foi a súbita vermelhidão que afluiu às suas faces, já que desde que a conhecia que ela nunca corara.

— Sam... que diabo estás a fazer aqui? — perguntou ela demasiado rapidamente.

— Que gratidão! — ralhou ele num tom zombeteiro. Em seguida piscou-lhe um olho e tirou a carteira dela do bolso do casaco. — Encontrei-a no chão do carro. Deve ter caído daquela tua mala infame enquanto estavas a maquilhar-te. Oh, e telefonei à Kat na eventualidade de estares em pânico por causa disso — continuou ele desconfiadamente, aparentemente alheio à presença carrancuda de Ralph ao seu lado. — Ela disse que se estivéssemos a pensar passar pelo chinês a caminho de casa, agradecia que lhe levássemos galinha com limão com arroz chau-chau e ananás *fa si*.

— O que foi que eu disse? — protestou Sam, algumas horas depois, quando regressavam a casa.

Com seis caixas de comida chinesa precariamente equilibradas em cima do colo, Izzy dirigiu-lhe um desconfiado olhar de soslaio, mas o perfil imaculado dele não revelava nada.

— Sabes exatamente o que disseste — disse-lhe ela, ainda sem saber se havia de rir ou de esvaziar a embalagem de hóstias de camarão na cabeça dele.

— Ok. — Ele anuiu com a cabeça, escondendo a diversão. — Mas o que disse eu de tão errado? Aquele tipo saiu tão disparado que eu nem

sequer tive oportunidade de admirar os medalhões que ele tinha ao pescoço.

— Ele não usa medalhões. — Sem conseguir conter-se, Izzy sorriu na escuridão. Tinha sido ela, dois anos antes, que tinha tido de transmitir a Ralph a notícia de que homens de verdade não usavam colares. — E antes que digas mais alguma coisa, — continuou ela num tom severo, — estás a falar do homem que eu amava.

Mas Sam já estava a par da saga das recentes confusões de Izzy. — Não queres dizer um dos homens que amavas? — comentou ele, impassível.

— Não tem piada — disse ela com uma ponta de irritação. — E tu disseste propositadamente aquelas coisas para lhe dares a impressão errada. Podes achar divertido, mas eu gastei o salário desta noite naquela garrafa de champanhe.

— E agora eu destruí as tuas esperanças de uma reconciliação romântica — refletiu ele alegremente. — Realmente, Isabel. Pensei que não cobichavas homens que não te queriam. Se ele não conseguir lidar com o ligeiro mal-entendido desta noite, não pode estar assim tão apaixonado.

Furiosa, ela gritou: — Estragaste a minha inexistente vida amorosa e não tens nada a ver com isso! Gostavas que eu metesse o bedelho quando estivesse a atirar-te a uma fulaninha qualquer na The Steps?!

Quem diria? Apesar de conhecer Izzy Van Asch havia já algumas semanas, os sentimentos de Sam em relação a ela continuavam, decididamente, confusos. Aquela repentina atração inicial tinha-o deixado abalado, mas Izzy era muito mais do que simplesmente a beleza física dos enormes olhos castanhos, dos cabelos revoltos, do corpo curvilíneo e — agora que estavam ambas visíveis — das pernas espetaculares. Ela extravasava alegria, ria mais do que qualquer outra pessoa que ele conhecia e o seu otimismo era irreprimível.

Contudo, ao mesmo tempo, ela conseguia ser inconsequente, ilógica e irritantemente arrogante nas atitudes e no estilo de vida. Extremamente generosa num dia, era capaz de filar descaradamente cinco libras à filha no dia seguinte, e embora fosse, sem dúvida, capaz de trabalhar afincadamente quando lhe convinha, também era melhor, do que praticamente qualquer outra mulher que ele conhecia, a passar uma tarde em sibarita indolência. Ela era tão irritante, amorosa e por vezes verdadeiramente fantástica — e ele nunca tinha bem a certeza se as coisas que ela dizia e fazia eram propositadamente calculadas para chocar — que Sam não era capaz de decidir o que mais queria fazer; se enfiar um pouco de tão necessário juízo naquela cabeça tonta, se levá-la para a cama.

E aí estava, refletiu ele lugubrememente, a outra metade do seu dilema. Atrair mulheres não era algo em que tivesse tido de pensar até então.

Acontecia simplesmente e rejeitar delicadamente as que não o atraíam tinha sido a única parte ligeiramente complicada. Mas decerto que nenhuma outra mulher no mundo tinha sequer enviado sinais tão contraditórios como os de Izzy. Inúmeras vezes, quando ele pensava que a tinha entendido, ela recuava rapidamente e ele ficava sem saber... uma vez mais... se a conhecia de todo.

Até àquele momento, ele tinha ficado divertido e intrigado com o comportamento dela. Naquela noite, contudo, algo tinha mudado. E talvez naquela noite, refletiu Sam enquanto estacionava em frente da casa, ele devesse fazer alguma coisa a respeito.

— Ainda não respondeste à minha pergunta. — Izzy falava com um ar de truculência. Ainda não o tinha perdoado.

— Ah, sim, a fulaninha. — Sam anuiu com a cabeça e pensou um pouco na questão. Então, tirando a incómoda pilha de embalagens do colo dela, sorriu-lhe fugazmente. — Acho que isso dependeria — disse ele finalmente — de como ela fosse.

Não era a mais romântica das situações, pensou Izzy, mas pelo menos estava finalmente a acontecer...

Ela estava a colocar os pratos sujos no lava-louça quando Sam se aproximara por trás e pousara as mãos na borda do escorredor, uma de cada lado dela, por forma a prendê-la eficazmente. Não havia contacto físico, mas ela conseguia sentir a respiração quente agitar-lhe os cabelos e também o vago aroma a aftershave.

Na esperança de que ele, por sua vez, não conseguisse ver os cabelinhos eriçados na sua nuca, Izzy abriu a torneira da água quente e esguichou demasiado *Fairy* líquido para dentro da bacia. Ela não tinha planeado lavar realmente a louça, mas parecia bem e tal demonstração de domesticidade causaria decerto boa impressão. Sam estava sempre a fazer comentários mordazes acerca da falta de jeito que ela tinha para as tarefas domésticas.

— Vá, sê sincera — murmurou ele, enquanto ela via a espuma transbordar pelos bordos do lava-louça como uma taça de champanhe. — De qualquer forma, o Ralph não fazia o teu estilo.

— Fez o meu estilo durante dois anos — respondeu Izzy com calma aparente. Porém, as mãos estavam a tremer, por isso ela agarrou nas adoradas luvas de borracha da Gina, calçou-as apressadamente e enfiou-as na água da louça. Depois, inclinando a cabeça em direção ao pano da louça, disse: — E se queres mesmo ser útil, podes limpar.

Recuando meio passo, Sam admirou o decote profundo de pele morena revelado pelo vestido dela, que quase não tinha costas. Resistindo ao

desejo de passar um dedo pelas costas dela, disse suavemente: — Estás a mudar de assunto.

— Não sei qual é o assunto. — Respirou fundo para se acalmar e passou água limpa por cima de uma tigela atabalhoadamente esfregada. — Só sei que a Gina fica doida quando não arrumamos a louça.

— Izzy — disse ele suavemente. — Podes ser muitas coisas, mas não és estúpida.

Incapaz de pensar numa resposta adequada àquela afirmação, ela jogou pelo seguro e não disse nada. Instantes depois, a boca de Sam roçou-lhe na nuca e Izzy, que tinha estado a preparar-se para algo do estilo, não foi capaz de evitar o estremecimento de desejo que ricocheteou para cima desde a barriga. Quando as mãos quentes dele assentaram sobre a sua cintura e os lábios viajaram até ao ombro nu, ela quase cedeu.

Mas estavam em casa da Gina e ela tinha feito uma promessa. Além disso, Sam devia mudar-se em menos de duas semanas... um pouco de espera nunca tinha feito mal a ninguém. Muito menos, lembrou firmemente a si própria, a um homem como Sam Sheridan, que provavelmente nunca tinha sido obrigado a esperar na vida.

Mas a língua dele percorria agora lentamente a linha da clavícula dela, uma manobra a que Izzy sempre fora suscetível, e isso não era de todo justo. Contorcendo-se com desejo reprimido, ela teve de empregar toda a força de vontade que tinha para não se virar. Concentrando-se intensamente na lavagem da louça, ela conseguiu, sem saber como, lavar mais um prato. Então, quando se julgou finalmente capaz de falar num tom de voz minimamente normal, disse com propositada irreverência: — Enfiaram-te alguma coisa extra nos camarões com sésamo, Sam, ou tens alguma atração por luvas *Marigold*?

Encolhendo os ombros, ele depositou um beijo superficial no cimo da cabeça dela e recuou. — Estou apenas curioso.

— Comigo? — perguntou Izzy, dividida entre alívio por ele ter parado e irritação por ele não ter sido um pouco mais insistente. Afinal, havia quem desistisse com demasiada facilidade. — Achaste que eu ia ser canja — continuou ela, olhos vivos com desafio. — É isso?

— De todo. — Aproximando-se do guarda-louça, ele abriu uma garrafa de whisky e encheu dois copos. — Estava simplesmente curioso, como disse. Não quero chocar-te, — acrescentou ele esboçando um sorriso, — mas quando duas pessoas se atraem mutuamente, quando são ambas descomprometidas e adultas... bem, às vezes...

— Eu sei isso tudo — respondeu Izzy rapidamente. Não querendo aborrecê-lo, sorriu-lhe em resposta. — A Kat ensinou-me tudo a respeito de sexo quando tinha doze anos. Mas...

— Mas? — repetiu Sam com um tom irónico.

Desconfortavelmente ciente de que não tinha realmente pensado bem no assunto, Izzy desviou um fio de cabelo da testa com as costas de uma mão cheia de espuma e disse o mais alegremente que conseguiu: — Bem, pode estragar as coisas. Nós damo-nos bem agora. Somos amigos, não somos?

Sam anuiu com a cabeça, não acreditando nela nem por um momento, mas ainda assim curioso por ouvir o que ela iria inventar.

— Então, pode estragar a nossa amizade — continuou ela apressadamente — e isso seria horrível.

— Pode não estragar e nesse caso não seria nada horrível.

Desta vez ela respirou fundo. — Continua a não ser uma boa ideia.

— Ok. — Ele levantou as mãos. — Se é mesmo essa a tua opinião. E, de qualquer modo, não há necessidade de ficares agitada. Foi apenas uma ideia.

— Bem, foi simpático da tua parte lembrares-te de mim — disse Izzy sem convicção, chateada com a recusa dele em fazer qualquer tipo de tentativa séria para a seduzir. Se era aquela a extensão da persistência dele, ela não se admirava que ele nunca se tivesse casado.

— Não precisas de agradecer — disse Sam, nesta altura já assumidamente divertido. — Erro meu. Devia ter percebido que não eras esse tipo de miúda.

— Sem ressentimentos?

Ele sorriu tristemente. — Já praticamente nenhum, obrigado.

— Ainda bem. — Ela sabia que estava a abusar da sorte, mas a vitória sobre alguém tão desejável como Sam era infinitamente doce. E da próxima vez... daí a duas semanas, para ser mais precisa... ela iria conquistar uma ainda maior. Izzy atirou o esfregão da louça para dentro da pia, atravessou a cozinha mal iluminada, pôs-se em bicos de pés e depositou um cuidadoso beijo fraternal na bochecha dele. — Bons amigos são mais importantes do que amantes — murmurou. — Sempre.

— Depende do quão bons são — disse Sam, mantendo-se firmemente controlado. *A cabra*, pensou. Agora sabia que ela andava a fazer joguinhos.

— Boa-noite, Sam — disse Izzy serenamente.

— Boa-noite, sabichona.

Capítulo 14

Incentivada a agir pela constatação de que seria capaz de ter Andrew de volta, Gina tinha deitado mãos a um inesperado plano de campanha para o conseguir e recusava-se teimosamente a dar ouvidos aos protestos de Izzy que reclamava não ter sido nada daquilo que havia pretendido. A terrível apatia que a tinha perseguido nos últimos meses foi despida como o fato de escritório de Clark Kent para ser substituída por uma indiscutível onda gigantesca de entusiasmo. Depois de ter perdido quase seis quilos de peso — o que não lhe ficava particularmente bem —, recuperou o apetite e começou a comer outra vez, cortou o cabelo e depilou as pernas com cera. Alheia às cartas nada divertidas do gerente do banco, lançou-se numa nova orgia de gastos, mas desta vez feitos com alegria e com um propósito sério porque nada era demasiado bom para Andrew e, também, quem sonharia em usar roupa interior que não combinava com a roupa e roupa que não combinava com os sapatos Kurt Geiger?

E como já nada lhe parecia impossível, ganhar a recente independência sob a forma de um emprego já não aterrorizava Gina. A sua determinação em revelar-se diferente, em todos os aspetos, daquela criatura indolente e desleixada com quem Andrew tinha tão estupidamente — e temporariamente! — ido viver era um incentivo muito mais eficaz do que as exortações superficiais de Izzy — «saia e faça alguma coisa» — haviam sido.

— Onde vai? — perguntou Izzy com desconfiança uns dias depois quando Gina apareceu no rés-do-chão toda aperaltada e perfumada e envergando um novo fato azul-marinho estilo *Chanel* que aparentava ser genuíno e que iria, sem dúvida, afundar o gerente do banco numa nova depressão. Por aquele andar, Izzy era quase capaz de sentir pena dele.

Gina, que tinha estado a treinar um novo, ligeiramente mais profundo e, esperava ela, mais autoritário tom de voz na privacidade do seu quarto, disse: — Tenho uma entrevista de emprego.

Mas Izzy fez um ar ainda mais alarmado.

— Apanhou alguma coisa contagiosa?

— Não. — Dececionada, Gina regressou ao tom normal. — E era suposto você encorajar-me.

— Eu tentei fazer isso — lembrou-a Izzy. — E correu horrivelmente mal. — Depois recompôs-se. — Mas fico contente por andar à procura de trabalho; vai fazer-lhe muitíssimo bem. Que tipo de trabalho é?

La certamente fazer-lhe muitíssimo bem, pensou Gina, mal conseguindo controlar o sorriso. Ela tinha recapitulado o plano uma centena de vezes, contudo a ideia continuava a fazer disparar a adrenalina. A entrevista, marcada para as onze horas, devia estar concluída por volta do meio-dia. Então, depois de ter conseguido o emprego, ela passaria pelo escritório de Andrew, mesmo antes do meio-dia e meia hora, e insistiria... insistiria para que ele fosse almoçar com ela para comemorar. A partir daí os pormenores tornavam-se um pouco confusos; tudo o que ela sabia era que Andrew iria vê-la no seu melhor; ela iria vê-lo sem aquela Marcy horrorosa a tiracolo e seria a tarde mais feliz da sua vida...

— Tem a certeza que está bem? — Izzy acenou com uma mão em frente do rosto dela, trazendo-a de volta à realidade.

— Claro que sim. É um emprego de vendedora — disse Gina com renovado orgulho — na Therese Verdun, mesmo à saída da Bond Street.

Therese Verdun era uma das boutiques mais exclusivas de Londres.

Claro, pensou Izzy ironicamente, *que tolice a minha perguntar*.

— Sim? — perguntou Andrew abruptamente quando a secretária lhe ligou para o gabinete ao meio-dia.

— Eh, Sr. Lawrence, a sua mulher está aqui para falar consigo — disse Pam, esforçando-se para conter o entusiasmo. Depois de na noite anterior ter ficado acordada até tarde para assistir a *Atração Fatal*, ela tinha grandes expectativas para aquela confrontação da vida real. Gina não parecia estar em posse de uma arma, mas nunca se sabia. E Andrew Lawrence tinha andado tão mal-humorado nas últimas semanas que o que quer que lhe fosse acontecer naquele momento, Pam aprovava totalmente.

— Manda-a entrar — ordenou a voz metálica pelo intercomunicador. Gina sorriu para Pam. Decidindo que afinal talvez não fosse já fazer a sua hora de almoço, Pam sorriu-lhe de volta. Acomodado no seu gabinete, Andrew não sorriu de todo.

— Querido! — disse Gina quando a porta se fechou com segurança atrás de si. Precipitando-se sobre ele como uma ave magra e elegante e envolvendo-o numa nuvem de *Shalimar* acabado de aplicar, ela beijou-lhe a face. — Não é uma surpresa? Eu devia ter telefonado, mas estava tão entusiasmada que tive simplesmente de vir contar-te... Acabei de conseguir um emprego maravilhoso e quis que fosses o primeiro a saber!

— Isso é... — começou Andrew, totalmente apanhado de surpresa pela chegada dela, mas Gina tinha ensaiado o texto demasiadas vezes para o deixar interromper.

— E é tudo graças a ti, porque se não me tivesses deixado, eu nunca teria sequer pensado em ir trabalhar! — tagarelou ela alegremente. — Por isso insisto veementemente para que aceites o meu convite para o almoço.

— Ah, bem...

— Nada de desculpas — continuou ela, fingindo severidade. — Certifiquei-me com a Pam de que não tens outros compromissos e além disso... qual o propósito de se ter um divórcio civilizado se não se puder levar o marido para um almoço magnífico no Emile's de vez em quando?

Estava tudo a correr desastrosamente mal, pensou ela entorpecidamente uma hora mais tarde. Ali estava ela, a fazer e a dizer tudo de acordo com o plano, ali estavam eles no restaurante preferido — e desastrosamente caro — de Andrew e ali estava ele a recusar-se a cooperar com toda a muda teimosia de um menino que não quer voltar para o colégio interno.

— Mais uma garrafa de vinho? — perguntou ela em desespero, mas ele abanou simplesmente a cabeça e olhou uma vez mais para o relógio. Sem saber o que fazer, Gina olhou desesperadamente em volta para as outras mesas e viu apenas casais a divertirem-se. Ela estava a ficar sem assunto de conversa a uma velocidade estonteante. O novo emprego tinha adquirido proporções grandiosas... ela já quase geria a empresa toda... e Andrew ainda não estava tão impressionado como seria suposto. Aparentemente, ele também não estava a prestar grande atenção às histórias extremamente exageradas sobre como era partilhar uma casa com Izzy e Sam. Se ele não se recompusesse e comesse a fazer algum esforço muito em breve, ela não sabia o que poderia fazer, pensou Gina quando os primeiros sinais de pânico real começaram a atingir-lhe a barriga.

— Espero que a Marcy não te faça um jantar muito grande — disse ela, embora, na realidade, ele não tivesse comido assim tanto.

Andrew abanou a cabeça. Se ele olhasse uma vez mais para o relógio, ela arrancar-lho-ia do pulso e atirá-lo-ia para o outro lado da sala, pensou Gina.

— E o bebé? — continuou ela, animada de mais. — Está tudo a correr bem? Calculo que a Marcy não tenha mãos a medir com aulas de pré-natal neste momento.

— Gina, para — disse ele abruptamente. — Olha, obrigado pelo almoço e eu estou mesmo muito contente por ti por teres arranjado o emprego, mas tenho de voltar para o escritório. Não precisas de me levar, posso apanhar um táxi.

A fantasia não se tinha concretizado; a charada tinha chegado ao fim. Incapaz de suportar isso, e com os olhos cheios de lágrimas, Gina levantou-se atrapalhadamente derrubando o garfo do prato e salpicando a frente da camisola com molho Madeira. — Andrew, por favor, não podes sair assim. Não compreendes...

— Eu compreendo. — Ele não sabia de quem havia de sentir mais pena; se de Gina ou de si mesmo. Ele estava simplesmente infeliz, enquanto que ela sofria de insegurança crónica. — Arranjaste um ótimo emprego, estás a construir uma nova vida e eu estou contente com isso.

As lágrimas caíam já numa torrente, esborratando-lhe a maquilhagem e atraindo a atenção dos outros clientes do restaurante. — Mas eu não tenho vida nenhuma nova — disse ela aos soluços, esfregando inutilmente a nódoa de Borgonha que tinha na saia com um guardanapo branco. — E também não tenho nenhum emprego ótimo. Não tenho emprego nenhum porque eles me rejeitaram. Disseram-me que eu precisava de ter experiência — lamentou-se ela num tom acusador — e eu não tenho nenhuma porque só fui esposa na vida!

Ele conseguiu, sem saber muito bem como, tirá-la do restaurante. Uma mão-cheia de notas de dez, que ele não podia dar-se propriamente ao luxo de perder, chegaram à justa para pagar a conta. Quando chegaram ao carro, Gina estava a tremer violentamente e quase não conseguia aguentar-se de pé. O facto de ela não estar ciente dos olhares dos transeuntes convenceu-o de que o sofrimento dela era genuíno.

— Não consigo conduzir, n-não me obrigues a c-conduzir — implorou ela, por entre dentes trepidantes. — A última vez que estive assim, quase matei uma pessoa.

— Tudo bem, não te preocupes — disse ele rapidamente, rezando para não estar a ultrapassar os limites. — Eu levo-te a casa.

— Estou tão envergonhada.

— Credo! — disse um homem que descarregava uma carrinha. — O que tem ela? Sífilis?

— Entra no carro — ordenou Andrew, dividido entre irritação e compaixão. Uma vez mais, o peso esmagador da responsabilidade abatia-se sobre os seus ombros. Apesar de aceitar que era culpado por toda aquela infeliz confusão, não podia deixar de se perguntar porque tinha de ser ele a ter uma mulher incapaz de ultrapassar a situação, enquanto outros homens pareciam escapar impunes.

— Credo! — Katerina, que estava a passar a tarde a estudar em casa, repetiu sem saber o homem da carrinha quando atendeu a porta da frente e viu o rosto inchado e arruinado de Gina.

— Desculpa. — Andrew acenou com uma expressão apologetica para a campanha. — A Gina não conseguiu encontrar as chaves.

Katerina observou-o com interesse. As lágrimas de Gina não eram novidade, embora ela estivesse realmente com uma aparência espetacularmente pavorosa, mas, tanto quanto Katerina sabia, ela tinha saído de casa naquela manhã bastante animada e desejosa para a entrevista. Pelo aspeto dela naquele momento, ela só podia supor que Gina não tivesse conseguido o emprego. — Não faz mal — respondeu ela com descontração, perguntando-se se aquele homem seria o dono da boutique. — Mas estou curiosa. Quem é o senhor?

Era uma situação bizarra; por momentos, Gina foi esquecida. Tendo já deduzido de quem se tratava Katerina, Andrew só conseguiu devolver-lhe o olhar intrépido. Ela envergava uma sweatshirt cor de mel desbotada e umas leggings brancas pelo joelho e os luzidios cabelos castanhos caíam a direito até aos ombros. Os olhos eram enormes e castanhos-claros, os dentes muito brancos. Na mão direita tinha uma caneta; na esquerda uma sanduíche de marmelada.

— Andrew Lawrence — disse ele e esperou que a expressão dela se alterasse para uma de desdém. A antipatia que Izzy sentia por ele tinha sido bastante evidente durante o breve encontro dos dois na semana anterior.

Contudo, Katerina fez um sorriso e dirigiu-lhe um olhar de cumprimento tal que ele percebeu imediatamente que ela estava do seu lado. O alívio foi avassalador.

— Certo, claro que é. — Ela desviou-se para o lado, deixando-o conduzir Gina até à sala de estar. Andrew não conseguiu tirar os olhos da retaguarda dela; aquelas ancas estreitas e pernas compridas eram quase hipnotizantes na sua simples elegância. Ela não podia ter mais de dezoito anos.

— Bem, é melhor deixar-vos a sós. — Na sala de estar, havia manuais escolares espalhados pelo chão. Katerina recolheu-os em poucos segundos e dirigiu-se para a porta. Depois de ter visto Andrew depositar a mulher numa das poltronas cor de pêssego, disse calmamente: — Sabe quem eu sou?

Ele endireitou-se, ajeitou a gravata e largou as chaves do carro de Gina em cima da mesinha de centro. Ele podia não ter contribuído muito para a conversa no restaurante, mas tinha ao menos escutado. — Tu és a inteligente — disse-lhe ele numa voz tranquila — que lava a louça.

— Certo. — Desta vez Katerina riu-se. — Claro que sou. E quão inteligente da sua parte ter adivinhado!

Depois de ter tencionado deixar Gina e sair logo em seguida, Andrew deu por si a ligar antes para o emprego e a dizer que não regressaria nessa tarde,

coisa que iria alimentar muitíssimo a mexeriqueice no escritório. E depois de trinta minutos a tentar, sem empenho, consolar a inconsolável mulher, foi recompensado pelo som de passos a descerem as escadas. Arrancando a chávena de chá das mãos de Gina, e murmurando algo acerca de ir fazer mais, saiu disparado da sala e esbarrou em cheio contra Katerina.

Ela tinha vestido um blusão de ganga e carregava um enorme saco de lona a abarrotar com livros.

— Como vai isso?

Andrew fez uma careta. — O mesmo de sempre. Olha, eu já me devia ter ido embora, mas gostava de falar contigo... acerca da Gina. Posso oferecer-te uma boleia?

Ela dirigiu-lhe mais um daqueles solenes olhares hipnotizantes. — Receio que não.

— Oh.

— Não que eu não goste da oferta — explicou ela, sorrindo lentamente. Ele estava com um ar tão desanimado que era quase comovente. Ela aproximou-se mais e disse num sussurro: — Mas você não tem meio de transporte.

— Raios. — Ao mesmo tempo, Andrew sentiu uma onda de alívio, porque a rejeição não era pessoal. Esquecendo o almoço que não podia dar-se ao luxo de pagar, disse: — Vou chamar um táxi.

O sorriso de Katerina expandiu-se no momento em que ela colocou o pesado saco ao ombro. — Porque não vamos juntos até à estação do metro? Assim podemos conversar pelo caminho.

Estou no Victoria and Albert Museum e algo muito estranho está a acontecer-me, pensou Katerina cautelosamente uma hora mais tarde. Ela não sabia como nem porque estava a acontecer; estava simplesmente. E não havia nada, absolutamente nada, que ela pudesse fazer para impedir ou para controlar a situação.

Por amor de Deus, ela nem sequer sabia o que estavam a fazer no museu! Tinha pura e simplesmente havido demasiado para dizer e pouco tempo para o fazer, até que Andrew havia sugerido que, em caminho, parassem para um café e «em caminho» tinha-se, de alguma forma, transformado no velho V&A. Naquele momento, sentados lado a lado no piso térreo do restaurante, completamente rodeados de americanos barulhentos e obesos e de pequenos turistas japoneses tagarelas, Katerina só estava consciente da importância de uma situação que nem sequer compreendia totalmente. Por fora continuava a ser ela própria, enrolando um fio de cabelo entre dois dedos enquanto discutia — em termos puramente práticos — a falta de confiança de Gina e o que poderiam fazer para a ajudar.

Mas por dentro, não era de todo ela. Enquanto a boca falava, o estômago tinha dado um nó gigantesco e o interior do pulso, onde Andrew tinha acidentalmente roçado nela, continuava a formigar, realmente a formigar, como resultado daquele contacto físico momentâneo.

Contudo, desde que continuasse a falar — e discutir os problemas matrimoniais dele de um modo objetivo e adulto era surpreendentemente fácil —, ela era capaz de examinar cuidadosamente Andrew Lawrence. E apesar de ele não ser espantosamente bonito como alguns homens... Sam, por exemplo... havia algo naqueles olhos cinzentos obscurecidos, nas faces magras e no cabelo castanho-claro e mole que era, de algum modo, infinitamente mais atraente. Ele tinha um aspeto cansado, exsudava um ar de luta contra as desvantagens para conseguir aguentar o que tinha de aturar, e, quando sorria, os seus traços transformavam-se; todo o rosto se iluminava e os anos desvaneciam-se.

— Eu não devia mesmo estar a contar-te isto tudo — acabou ele por dizer, enquanto mexia um galão que há muito tinha arrefecido. — Afinal, o problema não é teu.

— Mas é tão horrível! — exclamou Katerina, com os olhos prestes a encherem-se de lágrimas nada típicas. — E tão injusto... Céus, nós não fazíamos ideia! A mãe disse realmente que...

— Sim? — incentivou Andrew delicadamente. — O que disse a tua mãe?

Incapaz de lhe mentir, e fitando-o com aqueles enormes olhos castanhos, ela murmurou: — Bem, ela comentou de passagem que a Marcy era um bocado palerma.

Ele recebeu as palavras com um absorto aceno de cabeça e em seguida sorriu porque pelo menos estava ali, com Katerina Van Asch. Parecia que a vida tinha as suas compensações. Ele só se perguntava como iria lidar com a compensação particular que estava naquele momento à sua frente. O desejo de lhe tocar mais uma vez... acidentalmente, claro... era quase esmagador.

— A culpa é toda minha; fui um autêntico idiota — admitiu ele. — Era casado, achei que me tinha apaixonado por outra mulher... e quando me apercebi que não tinha, já era demasiado tarde.

— Não devia culpar-se — disse Katerina num tom de indignação. — Engravidar foi culpa da estupidez dela. Muitos homens tê-la-iam simplesmente largado.

O restaurante estava a esvaziar rapidamente; eram quase seis da tarde e as empregadas da limpeza estavam de esfregona em punho. Ciente dos seus olhares fulminantes, e do facto de o tempo estar a esgotar-se, Andrew não foi capaz de se conter. Pegou na mão de Katerina, deu-lhe um breve

aperto e sorriu. — Obrigado. Quem me dera ter-te conhecido há seis meses. — Melhor ainda, pensou, quem lhe dera ter vinte anos a menos e ser ainda solteiro.

Mas Katerina, apenas ciente de que Andrew Lawrence já tinha mudado a sua vida, e jogando dezassete anos de cautela pela janela fora, pegou na mão que ele tinha retirado e segurou-a entre as suas. Ela estava a tremer ligeiramente, o estômago há muito tinha desaparecido e ela nunca se tinha sentido tão feliz.

— Não importa — ouviu-se dizer, como se estivesse muito longe. — Conheceste-me agora.